

# Plantando Sonhos

Experiências em Agroecologia no Estado de São Paulo

Lin Chau Ming  
Mariana Fagundes do Val  
Fernando Silveira Franco  
Maristela Simões do Carmo  
Mirella Santos Moreira

ORGANIZADORES



**PLANTANDO SONHOS.  
EXPERIÊNCIAS EM AGROECOLOGIA  
NO ESTADO DE SÃO PAULO**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA SEÇÃO TÉCNICA DE AQUISIÇÃO E TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO - DIRETORIA TÉCNICA DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO - UNESP - FCA - LAGEADO - BOTUCATU (SP)

P713 PLANTANDO SONHOS: EXPERIÊNCIAS EM AGROECOLOGIA NO ESTAD  
TADO DE SÃO PAULO / ORGANIZADORES : LIN CHAU MING ...  
[ET AL.] . - FEIRA DE SANTANA: SOCIEDADE BRASILEIRA DE  
ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA, 2018  
311 P. : IL., COLOR.

OUTROS ORGANIZADORES : MARINA FAGUNDES DO VAL, FER-  
NANDO SILVEIRA FRANCO, MARISTELA SIMÕES DO CARMO,  
MIRELLA SANTOS MOREIRA

ISBN 978-85-53002-01-6

1. AGROECOLOGIA - SÃO PAULO (SP). 2. AGRICULTURA ORGÂNICA - SÃO PAULO (SP). I. MING, LIN CHAU. II. VAL, MARINA FAGUNDES DO. III. FRANCO, FERNANDO SILVEIRA. IV. CARMO, MARISTELA SIMÕES DO. V. MOREIRA, MIRELLA SANTOS VI. CENTRO VOCACIONAL TECNOLÓGICO EM AGROECOLOGIA E PRODUÇÃO ORGÂNICA DE BOTUCATU.

CDD 23.ED. (631.584)

Elaborada por Maria Lúcia Martins Frederico - CRB-8: 5255.

***“Permitida a cópia total ou parcial deste documento, desde que citada a fonte”***

**PLANTANDO SONHOS.  
EXPERIÊNCIAS EM AGROECOLOGIA  
NO ESTADO DE SÃO PAULO**

**ORGANIZADORES  
LIN CHAU MING  
MARINA FAGUNDES DO VAL  
FERNANDO SILVEIRA FRANCO  
MARISTELA SIMÕES DO CARMO  
MIRELLA SANTOS MOREIRA**



**sbee**

sociedade brasileira de etnobiologia e etnoecologia

## CAPÍTULO 22

# A ECONOMIA ASSOCIATIVA NA AGRICULTURA DE BASE ECOLÓGICA: UM ESTUDO DE CASO DO CSA DEMÉTRIA, BOTUCATU, SP

Paulo Roberto Amaral Lencioni; Fernando Silveira Franco;  
Suzana Marques Rodrigues Alvare

### INTRODUÇÃO

Uma das consequências da Revolução Verde é a sectarização entre campo e cidade, onde comumente o agricultor vende seus produtos para o atravessador que o revende por um preço maior aos grandes mercados, que revendem para o consumidor final por um valor ainda maior. Nesse processo de comercialização podemos perceber uma superfaturação, tornando essa relação exploratória para os consumidores, que acessam uma alimentação de péssima qualidade devido ao uso de agrotóxicos e da transgenia utilizados agricultura convencional, quanto para os agricultores que recebem pouco e não têm segurança na venda. Um dos motivos é a competição onde prioriza-se quantidade ao invés de qualidade, a uma inconstância na procura dos alimentos ao longo do ano e a exigência de se adaptarem aos padrões de consumo impostos pelo mercado. Por outro lado, uma das demandas do mercado tem sido a produção dos orgânicos, um alimento mais saudável, ecológico, “sustentável”. Essa situação cria mercados cativos ou nichos de mercado que acabam por supervalorizar economicamente esses alimentos (CAPORAL, 2004). Isso fica claro ao observar que, para cada R\$ 1,00 que o consumidor paga por um produto orgânico na “boca do caixa” do supermercado, R\$ 0,33 ficam com o atravessador; R\$ 0,38 com o supermercado e R\$ 0,29 com o produtor (DAROLT, 2012). Assim como a Revolução Verde reproduziu o capital ao invés de acabar com a fome no mundo (GEORGE, 1978 apud ANDRADES, 2007), o marketing verde tem se tornado outro importante meio de reprodução do capital, ao invés de solucionar o problema da degradação ambiental.

Na busca da superação desse modelo exploratório, competitivo e produtivista, as agriculturas de base ecológica tem se fortalecido principalmente depois dos anos 70. De forma geral elas buscam produzir alimentos sem agrotóxicos, valorizar o trabalho camponês e conservar o meio ambiente. Dentre os campos de conhecimento que trabalham com práticas alinhadas às referidas acima, temos: Agroecologia, permacultura, biodinâmica (através da antroposofia), agricultura biológica, natural, etc. Importante é ressaltar que os movimentos citados não se limitam à questão agrônômica, mas também trabalham em outros âmbitos, como o econômico, pedagógico, sócio-político, cultural. Integradas a essas formas de cultivo, se fortalecem práticas de economia solidária e consumo consciente, restabelecendo a comunicação campo-cidade e obtendo alimentos de qualidade.

Dentre estas alternativas surgiu a economia associativa CSA (Community Supported Agriculture ou Agricultura Apoiada pela Comunidade). Esse termo é mais usado nos países de língua inglesa, todavia, movimentos similares de consumidores que apoiam agricultores de base ecológica, por vezes com origens comuns, se reproduziram em várias partes do mundo, entre eles: Teikei no Japão, CSA nos Estados Unidos, AMAP na França, RECIPROCO em Portugal, GAS na Itália, ASC no Canadá, entre outros (DAROLT, 2012). No Brasil o pioneiro foi a ADAO (Associação para o Desenvolvimento da Agropecuária Orgânica), fundada em 1997 no Ceará. Atualmente o projeto de CSA referência para a ampliação do movimento no Brasil é o CSA Demétria, localizado no município de Botucatu. No CSA um ideal é nos unirmos enquanto grupo “*compartilhando tanto as suas responsabilidades pela produção dos alimentos, quanto pela conservação da paisagem e do solo*” (POHLMANN, 2012, p.01). Essa nova relação entre produtores e consumidores pode ser positiva no âmbito Social, por estabelecer fortes relações entre campo e cidade; na Saúde, pela mudança de hábitos alimentares ao consumir produtos frescos e livres

do uso de agrotóxicos; Econômico, pois o agricultor recebe um valor justo pelo seu produto, mais acessível ao consumidor e por ser associativo há o pré-financiamento total da produção, dando maior segurança ao agricultor; Cultural, com a valorização de variedades crioulas de plantas e dos mercados locais; e Ambiental, através do apoio e desenvolvimento da agricultura de base ecológica, poluição reduzida pelo transporte ser local e diminuição do uso de embalagens (DAROLT, 2012). *“Trata-se do caminho e ao mesmo tempo do objetivo”* (POHLMANN, 2012, p.04) sendo que *“o objetivo não é somente produzir alimentos, mas também Consciência”* (POHLMANN, 2012, p.01).

O objetivo deste trabalho foi estudar, observar e analisar o projeto CSA Demétria ao longo do ano de 2013 para compreender o seu funcionamento. Sabendo-se que esse é um dos primeiros trabalhos sobre o tema no Brasil, a observação fenomenológica de Goethe (STEINER, 2004) embasou esse estudo buscando criar uma detalhada e despreconceituosa primeira imagem do fenômeno (COELHO, 2009), nesse caso o CSA. Dessa forma, as próximas pesquisas desse assunto terão uma base clara para criarem ideias e conceitos sintonizados com a essência do mesmo (BACH JR., 2013). A motivação para esse trabalho foi notar a possibilidade de colocar em prática a transformação social ligada a um sistema produtivo de base ecológica no dia a dia.

## METODOLOGIA

### CSA Demétria

O projeto estudado foi o CSA Demétria, criado em 2011 a partir do impulso que o artista Hermann Pohlmann trouxe de sua experiência na Alemanha com essa organização associativa. A produção dos alimentos desse projeto é realizada no Bairro Demétria, em Botucatu, que é uma das maiores referências de impulsos antroposóficos no Brasil, baseados nos ensinamentos de Rudolf Steiner. Nesse bairro foi criada a primeira propriedade biodinâmica do Brasil, Fazenda Demétria, além de outras iniciativas como Escola Waldorf Aitiara, Instituto Biodinâmico, Associação Brasileira de Agricultura Biodinâmica do Brasil, Instituto Elo de Economia Associativa, Comunidade de Cristãos, entre outras. No entorno destas iniciativas formou-se o Bairro Demétria, a partir da vinda de pessoas que optaram por viver em um local que houvesse a busca por formas mais sustentáveis de vida em seus diversos aspectos, inclusive espirituais. Todo esse contexto propiciou o fortalecimento inicial do CSA, porém com o tempo houve diminuição na adesão local e a proposta se expandiu para outras regiões. O projeto se iniciou com quatro produtores, que produziam hortaliças, queijo de búfala, pães, leite bovino, queijos bovinos e iogurte. Com o passar dos anos o crescimento do CSA aconteceu, porém alguns produtores não estavam satisfeitos com o andamento do projeto, ocasionando a saída de dois deles em 2013. O projeto começou com 30 famílias e no final de 2013 contava com cerca de 300 membros, abrangendo as cidades de Botucatu, Bauru, Ourinhos e São Paulo.

A metodologia utilizada nesse trabalho foi o estudo de caso etnográfico. Nessa metodologia o pesquisador seleciona um fenômeno para compreendê-lo como unidade, porém partindo sempre de seu contexto e de suas inter-relações como um todo orgânico, percebendo sua dinâmica como um processo do todo (ANDRÉ, 1995). Visando criar uma maior aproximação do contexto estudado e buscar cooperar com o desenvolvimento do projeto, metodologias participativas foram utilizadas. Dentre estas, destaca-se a observação participante que ocorreu durante todo o ano de 2013. Ela aconteceu de duas formas principais: através da entrada do primeiro autor do presente artigo como membro do projeto e na colaboração em funções administrativas do projeto, tais como inserir novos membros, confeccionar jornais informativos, repassar informações para o contador e o número dos pedidos para os produtores. Buscou-se essa participação para uma observação holística do processo, vivenciando o projeto da produção até a mesa.

Também foram utilizadas entrevistas semiestruturadas (BONI, 2005), para um diálogo mais fluido, se aproximando das vivências e saberes do entrevistado. Foram entrevistados dez membros do projeto, escolhidos através da metodologia de “amostras intencionais”. A intencionalidade na escolha dos participantes é adequada no contexto da pesquisa social com ênfase nos aspectos qualitativos (THIOLLENT, 1986). Havia entrevistados que exercem várias funções e outros que participam como consumidores.

A sistematização das informações colhidas durante o processo foi feita com a metodologia das Sete Janelas (BALLREICH e GLASL, 2011), que embasada na observação fenomenológica de Goethe (STEINER, 2004), visa compreender organizações de pessoas através de três subsistemas. Eles são: subsistema cultural, social e técnico-instrumental. O subsistema cultural é o centro das ideias de uma

organização, pois, refere-se à razão, ao motivo, às ideias para a formatação futura, assim como aos valores culturais. Nesse existem dois elementos: Identidade e Estratégia. O subsistema social envolve a estrutura de construção, da colaboração muito concreta das pessoas da organização, isto é, de que modo é organizada a chefia, o trabalho em conjunto, o que se desenvolve entre as pessoas e ainda funções. Nele estão os elementos: Estrutura da organização, Grupos e Funções. O subsistema técnico-instrumental abrange todos os acontecimentos no plano físico e todos os processos da organização que conduzem à produção ou ao serviço. Os elementos são: Processos e Meios físicos. Esses três subsistemas não são apenas a subdivisão de um todo, são três diferentes qualidades e estados, por intermédio de cuja ação conjunta é formada a organização como um todo (BALLREICH e GLASL, 2011).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após análise das informações sobre o CSA Demétria, que foram coletadas a partir da observação participante e das entrevistas realizadas ao longo do ano de 2013, as mesmas foram sistematizadas nos sete tópicos a seguir.

### Subsistema Cultural

**Identidade** - Os valores e princípios que constituem a identidade do CSA Demétria se expressam na busca de religar consumidor e agricultor, para serem compartilhadas as responsabilidades do processo produtivo valorizando o ofício de produtor. Outro valor é a soberania alimentar, prezando-se alimentos cultivados com base nas agriculturas de base ecológica, com diversidade da produção ao longo do ano e respeitando a sazonalidade. Dessa forma se busca construir uma mudança de paradigma, uma alternativa ao mercado dominante e competitivo para uma relação de compromisso, amizade, confiança e cooperação entre os membros: produtor, consumidor, administrador, contador, enfim, todos do grupo. Com essa cultura de ideais e com a busca de criar um valor justo, é promovida maior segurança ao agricultor, criando uma possibilidade de futuro no campo para os jovens.

Todos esses princípios têm criado a possibilidade de formar e fortalecer uma comunidade que é unida por ideias e ações, trazendo o bem estar para as pessoas que produzem e para as que comem, aberta à todos que queiram conhecer e participar. No CSA caminha-se para acabar com segregações entre diferentes funções, como produtor, consumidor e administrador. O ideal é que todos sejam membros do mesmo objetivo.

**Estratégias** - Na busca de concretizar os ideais citados, uma das estratégias tem sido não possuir um atravessador externo para distribuir os alimentos. O próprio agricultor ou algum outro membro tem levado semanalmente os alimentos até os locais de entrega, também chamados de depósitos. Isso traz maior organização e reduz a emissão de poluentes no transporte, pois os locais de entrega buscam ser próximos dos membros e os produtos são livres de embalagens. Esses depósitos são espaços que algum membro do grupo oferece, o que faz dele um ambiente mais familiar. Além disso, com essa proximidade entre produtor e consumidor, deixa de ser necessária a certificação orgânica dos alimentos de acordo com a atual lei brasileira, pois os próprios participantes podem certificar o produto pelo convívio com o produtor e a produção.

Nas estratégias de produção, busca-se ter um produtor local que tenha experiência e compromisso com o grupo, produzindo alimentos de base ecológica e respeitando o ciclo natural da produção dos alimentos. Uma forma de dar segurança ao agricultor durante todo o ano, mesmo nas épocas mais críticas de plantio, é com o vínculo associativo construído com todos do projeto. Os membros assumem a responsabilidade de manterem fidelidade ao projeto. Após entrar no grupo o ideal é que se permaneça ao menos um ano e não haja saídas durante as férias, pois a constância dessa vazão dos alimentos traz segurança ao agricultor. Nessa entrada de novos participantes não tem havido burocratização. Além de receberem os alimentos, boa parte do trabalho no grupo é realizada pelos próprios membros de forma voluntária, como é o caso do contador e dos administradores dos depósitos. Essa é uma busca para os membros deixarem o papel de consumidores para então serem co-produtores, se colocando a serviço das demandas, se co-responsabilizando pelos processos da associação. Essa nova cultura de cooperação ainda não tem acontecido em parte dos casos no grupo, porém esse trabalho qualitativo deve ser fortalecido agora que já houve um bom crescimento quantitativo.

Com o intuito chegar num preço justo, uma estratégia para criar o valor das cotas é através do cálculo de todos os gastos anuais do produtor tais como: custo de sementes, reparo do maquinário da produção, escola dos filhos, férias; tudo o que ele precisa para ter uma boa qualidade de vida. Dessa forma

fica claro o porquê do valor mensal da associação. No caso do CSA Demétria, o preço da cota de hortaliças em 2013 foi de R\$48,00 por mês, que consiste em uma variedade de sete itens por semana compostas por duas folhosas (alface, rúcula, etc.), duas raízes (cenoura, mandioca, etc.) e três frutos (abobrinha, banana, etc.). Muitos membros diziam ser pouca a variedade de alimentos por semana, então criou-se a Cota Dois, composta por outros sete alimentos. Algumas vezes, devido à época do ano, o agricultor não consegue produzir semanalmente essas quatorze variedades, mas a dificuldade foi explicada e os membros têm compreendido quando alguns produtos se repetem. Há também uma taxa de R\$12,00 mensais da qual R\$5,00 é para o administrador geral do projeto, R\$5,00 para a criação da rede nacional de CSAs, a CSA Brasil, e R\$2,00 para criar um fundo do grupo para eventualidades. Dependendo da distância do depósito há uma taxa de entrega para cobrir os gastos com o transporte. Portanto, no ano de 2013 totaliza-se um preço de R\$60,00 por mês para ter acesso semanal a sete variedades de hortaliças orgânicas. Segundo cálculos feitos pelo contador do grupo, esse valor é menos da metade do preço dos alimentos orgânicos das grandes redes de mercado, além de que no CSA o agricultor é melhor remunerado.

Visando à entrada de novos membros a divulgação 'boca a boca' tem sido o principal meio de adesão. Apesar de parecer pequena e lenta, essa forma tem trazido maior confiança para os novos membros entrarem. Reuniões também são feitas para apresentar a proposta. Mediadas por um organizador do projeto, pois assim dúvidas podem ser esclarecidas e as questões práticas encaminhadas para começar a participar. Uma terceira forma tem sido através das redes sociais, para divulgação externa e para comunicação do grupo. Durante alguns meses também foi desenvolvido um jornal que colocava os membros a par dos acontecimentos do projeto, trazia receitas e reflexões.

Foi perceptível a necessidade de encontros entre os membros para promover discussões e confraternizações buscando-se fortalecer o projeto. Foram criados grupos no início do projeto divididos nas esferas do Pensar, Sentir e Querer. Essa divisão foi feita de acordo com a estruturação da sociedade trimembrada tal como é proposta na Antroposofia pela Pedagogia Social (STEINER, 2011). As sínteses das discussões dos grupos traziam novos passos para o CSA Demétria, mas com o tempo houve uma menor adesão aos encontros, culminando em seu fim. No local da produção também foram feitos encontros como confraternizações, comemorações de aniversário do projeto, entre outros. Nesses eventos os participantes podiam conhecer melhor uns aos outros e todo o processo do CSA. Alguns participam mais intensamente desse processo indo a mutirões realizados pelo projeto. Apesar da essencialidade desses encontros no desenvolvimento do grupo, eles não vêm acontecendo frequentemente no ano pesquisado, mostrando a importância de membros que tenham habilidade em organizar eventos culturais e artísticos.

Paralelamente às estratégias internas, há as externas que visam à ampliação do projeto. Em 2013 o CSA Demétria estava presente em Botucatu, Bauru, Ourinhos e São Paulo, todos abastecidos pelos mesmos produtores de Botucatu. Isso aconteceu para a mudança do agricultor do mercado convencional para a economia associativa mais rapidamente, porém um ideal é que esse projeto se concentre em Botucatu para a produção ser local, tendo menores custos e emissões de poluentes no transporte pela proximidade da produção. Para a transição ser tranquila, é importante haver diálogo ao criar outros CSAs nas proximidades enquanto o projeto inicial ainda estiver em expansão, pois isso pode gerar competição. Portanto, uma das formas de expansão é conforme o produtor do CSA Demétria chegar ao seu limite e não ter mais vagas no seu projeto, ele pode ir se desligando dos associados de outras cidades e associando-se a membros na sua. Um novo projeto, por sua vez, tem a possibilidade de começar a se associar com os membros que eram do CSA Demétria. Essa organização entre os diferentes CSAs existentes, na criação e fomento de novos projetos e no compartilhamento das experiências está sendo realizada pela rede nacional CSA Brasil.

### **Subsistema Social: Forma de estruturação da Organização**

Como dito anteriormente uma das transformações que o CSA busca é superar o modelo hierárquico e exploratório presente em nosso sistema. Uma alternativa é se organizar através de uma autogestão. Todas as funções a serem exercidas no projeto são distribuídas através de convites, ou algum membro se dispõe segundo sua habilidade e/ou disponibilidade a realizar aquela função, ou seja, não há imposição de cargos. No CSA busca-se sair dos privilégios para que todos possam trabalhar juntos, cada um com uma diferente função e com igual importância. Durante a pesquisa foi possível observar uma centralização em algumas funções organizativas do projeto, devido ao processo inicial de desenvolvimento do grupo. O caminho é o de buscar cada vez menos depender da orientação dos pioneiros dessa iniciativa, para que assim, pouco a pouco, o CSA Demétria tenha autonomia de ser autogestionada pelos próprios membros.

**Pessoas, grupos, clima – Relações interpessoais** - No CSA, parte dos membros compreende a proposta do grupo e por isso o clima criado nos depósitos tem sido favorável para a integração. Há compartilhamento de receitas com os alimentos da semana, questões relacionadas à saúde, agricultura, nutrição, entre os variados assuntos, ocasionalmente com cafezinhos e bolachinhas para acompanhar. Trabalhando numa comunidade, nossas limitações tendem a ser evidenciadas no outro através de um fenômeno de espelhamento, fortalecendo alguns impulsos antissociais (BRÜLL, 1986). Dificuldades antissociais surgiram ocasionando a saída de dois produtores responsáveis pela produção de laticínios e pães, porém tais impulsos têm sido superados com o amadurecimento do projeto. Um ponto ressaltado é a importância da intervenção de pessoas que saibam conduzir bem os processos sociais nos grupos através de uma liderança horizontal, com o auxílio de um profissional de desenvolvimento social que ajude o grupo a conscientizar-se de suas limitações, aperfeiçoando o trabalho e colaborando para o desenvolvimento integral desse organismo social; buscando gerar uma maior união e mediando conflitos com uma maior sensibilidade (KAPLAN, 2005).

A relação entre produtor e os membros tem sido boa, pois se sabe de onde veio o alimento, quais estão sendo as dificuldades e as conquistas no campo. Esse compartilhamento do processo realizado, como alguns membros citaram, cria um sentimento de gratidão e confiança pelos agricultores. Presentes uma comunicação clara e empática nas ações envolvidas do projeto, emerge um trabalho que gera aprendizado.

**Funções isoladas** - Com relação à função organizativa, administrativa e produtiva, os entrevistados reconheceram serem trabalhos executados com muita qualidade. Algumas vezes há uma sobrecarga de funções em uma pessoa. Na história do projeto foi possível perceber a vontade de certas pessoas ao se comprometer com cargos e isso faz o projeto caminhar e crescer, porém algumas vezes os membros não conseguiram realizar a sua função por falta de tempo e/ou habilidade. Nesses casos é importante ver qual a melhor solução, podendo inclusive ser a realocação dessa pessoa em outro ofício do grupo, pois não atentando a essas qualificações o projeto pode falir.

Algumas vezes os associados não tem colaborado ativamente assumindo responsabilidades na organização do grupo, talvez por não ter ficado claro e/ou não terem consciência de que poderiam assumir esse papel, não compreendendo alguns ideais do projeto. Essa informação fica mais clara ao notar que muitos membros não sabem ao certo o que ocorre na produção, nem nas diferentes funções exercidas. Isso se dá, pois alguns entram pelos ideais e outros apenas pelo alimento de qualidade com um preço diferenciado. No entanto, a grande maioria do grupo cumpre com os prazos de pagamento antecipado e respeita os horários de funcionamento do depósito para buscar a sua cota, o que é um significativo diferencial ao comparar com as relações do mercado convencional, onde não há segurança de venda nem pagamento antecipado. O trabalho precisa ser constante para conscientizar os membros da importância do CSA não apenas como meio de conseguir alimentos, mas de transformação do indivíduo e da sociedade.

### **Subsistema Técnico-Instrumental**

**Processos, desenvolvimentos** - Sabendo-se que os processos estão relacionados aos trabalhos diários que ocorrem para o funcionamento do projeto, aqui será testemunhada uma das possíveis formas, a forma que o CSA Demétria tem utilizado para seu desenvolvimento. Os alimentos do CSA Demétria são cultivados na área rural de Botucatu onde trabalham cerca de quinze agricultores produzindo hortaliças. São produtores com experiência e tranquilidade com a constância da produção e com os prazos para entregar os alimentos. Depois de colhidas, as hortaliças são separadas em caixas e transportadas por um pequeno caminhão ou por uma perua, dependendo da quantidade de cotas. Com a chegada das cotas no depósito, que vem ocorrendo com pontualidade, os agricultores e os membros presentes organizam as caixas com cores diferentes numa disposição que distingue as cotas um (sete variedades de hortaliças) e cotas dois (outras sete variedades). Cada depósito tem um horário e dia acordados com o grupo para que possam buscar as suas cotas. Chegando ao local, os membros têm uma lista de onde estão às quantidades de cada produto por cota. Por alguns membros não terem conseguido buscá-las, os alimentos que sobram recebem um destino de acordo com o acordado no grupo. Há depósitos que doam essas cotas para possíveis futuros membros, como forma de divulgar o projeto, outros doam para vizinhos, amigos, instituições, etc.

Para realizar o pagamento, o membro deposita o valor combinado no começo do mês anterior, para que o agricultor receba antes da colheita, dando-lhe mais liberdade e segurança na sua gestão.

Como forma de facilitar a identificação do depósito bancário, em alguns grupos é adicionado o número de centavos da mensalidade igual ao número de registro do membro no grupo. Há membros que pagam trimestralmente, semestralmente ou anualmente, o que confere uma segurança ainda maior. A entrada de novos membros é feita na mudança de cada mês, pois como os trabalhos são voluntários, busca-se deixar o mais simples possível. Antes de incluir novos membros os produtores são sempre consultados, principalmente se um depósito inteiro é aberto. Esse cuidado é tomado para que todos cresçam e caminhem junto.

A organização dos pedidos tem funcionado bem, sendo feitas em planilhas digitais que são enviadas aos produtores via e-mail, que então fazem o transporte dos pedidos. Os membros se comprometem com essa responsabilidade de distribuição pode ser interessante, pois assim o produtor poderia ter mais tempo na produção.

**Meios físicos** - Os maquinários e locais de trabalho estão suprindo as necessidades. Os agricultores adquiriram um trator e um caminhão para fazerem o transporte dos CSAs com maior segurança e capacidade. A terra em que se produz hortaliças está sendo cultivada em toda a sua extensão, totalizando cerca de onze hectares (110.000m<sup>2</sup>). Importante ressaltar que os agricultores do CSA Demétria produzem em terras arrendadas. Isso não tem sido um problema, pois atende a necessidade imediata, é num local estratégico e há uma boa relação entre proprietário e agricultor. Mas, esse projeto busca perdurar gerações e não há segurança de que essa terra permanecerá a disposição por tanto tempo quanto necessário. Um ideal com o amadurecer do projeto é que os membros do CSA comprem uma terra para o projeto.

Nos depósitos os espaços costumam estar limpos e organizados o que traz um ambiente agradável. Além das caixas com o produto final, que costuma ser elogiado pela qualidade (estética, sabor, durabilidade e frescor ao serem colhidos no dia, etc.), há balanças para os membros pesarem produtos de sua cota e em alguns locais há uma lousa para colocar avisos e as quantidades das cotas. Apesar de algumas questões citadas serem simples, esse suporte material cria espaço para se desenvolver uma arte social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a compreensão do projeto a metodologia das sete janelas se demonstrou essencial na sistematização de fenômenos complexos com muitas variáveis, como é um coletivo de pessoas. Com esse método foi possível enxergar o todo de forma integrada.

Durante todo o trabalho foi possível perceber que essa estratégia de organização não transforma apenas a comercialização de alimentos, mas revoluciona aspectos relacionados ao convívio social, pois ela necessita de conscientização e conscientiza concomitantemente. Um importante ponto observado é se começar um CSA com um produtor experiente que garanta o compromisso com o projeto, trazendo tranquilidade para o grupo se desenvolver enquanto comunidade consciente do objetivo comum, ou um grupo bem organizado que traga segurança e tempo para o agricultor adquirir experiência necessária no cultivo de alimentos de qualidade e com constância. Porém, a principal estratégia revelada no vivo cotidiano é a de não buscar receitas prontas e modelos para construir um CSA, pois cada grupo possui um contexto e uma dinâmica. Importante é compreender essa individualidade e, dentro dos ideais comuns, buscar o desenvolvimento de uma integrada harmonia de grupo.

O CSA Demétria vem construindo interações cooperativas, buscando um preço justo para o agricultor e para o co-produtor, fortalecendo a agricultura familiar de base ecológica, diminuindo os poluentes da produção ao consumo e desenvolvendo uma comunidade em torno de objetivos altruístas comuns. É uma revolução diária da sociedade. O CSA pode ser ampliado, atingindo toda a sociedade com a comunidade apoiando a saúde, a educação, a arte, etc. Assim, com o desenvolvimento de grupos como esse, será possível viver a transformação do cotidiano através da sua própria vivência no projeto e conseqüentemente também poderão se reconhecer enquanto agentes transformadores da sociedade em que vivem, sendo o CSA, portanto, um dos espaços de treino para nos prepararmos para o futuro cooperativo que está por emergir e, ao mesmo tempo, o transformador da atual questão social.

**REFERÊNCIAS**

- ANDRADES, T.O.; GANIMI, R.N. Revolução Verde e a apropriação capitalista. Juiz de Fora: CES Revista, 2007. V.21, p. 43-58.
- ANDRÉ, M.E.D.A. Etnografia da prática escolar. Campinas: Papirus, 1995.130p.
- BACH, J. J. A fenomenologia da natureza de Goethe: conexões à educação ambiental. Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient., V.30, n.1, p. 140-158, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br:8080/handle/1/3696>>.
- BALLREICH, R.; GLASL, F. Formação em Mediação e Gestão de Conflitos. Trigon.: Mediation in Bewegung. Stuttgart, 2011. Cap. 6, 29p.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Em Tese, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: < <https://www.journal.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>.
- BRÜLL, D. Comunidade e Comunhão. São Paulo: Associação de Pedagogia Social, 1986.
- CAPORAL, F.R. & COSTABEBER, J.A. Agroecologia: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.
- COELHO, H. S. A epistemologia e o método científico de Goethe. Juiz de Fora: Sacrilogens, v6, n.1, p. 85 - 102, 2009.
- DAROLT, M.R. Conexão Ecológica. IAPAR Londrina, 2012.
- KAPLAN, A. O processo social e o profissional de desenvolvimento. Artistas do Invisível. São Paulo: Editora Peirópolis, 2005. 260p.
- POHLMANN, H. Homem ocidental – homem oriental. São Paulo: Sociedade Antroposófica do Brasil, 2012.
- STEINER, R. O Método Cognitivo de Goethe. São Paulo: Editora Antroposófica, São Paulo, 2004. 120p.
- STEINER, R. Os Pontos Centrais da Questão Social. São Paulo: Editora Antroposófica, São Paulo, 2011. 133p
- THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. 108p.

## CAPÍTULO 23

# AS “COMUNIDADES QUE SUSTENTAM A AGRICULTURA” (CSA) NO ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA EM SÃO PAULO: COMERCIALIZAÇÃO, SENSIBILIZAÇÃO E RESISTÊNCIA.

Djalma Nery Ferreira Neto; Flavia Torunsky; Ariel de Andrade Molina;  
Eduardo Michalichen Garcia; Joana Ortega de Lima Amorim

### INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios das experiências agroecológicas é conquistar a sua sustentabilidade, no sentido de propiciar a sua própria reprodução e manutenção a partir de seu trabalho, sem a demanda sistemática de recursos externos e intermitentes. Especialmente no campo da produção de alimentos agroecológicos, a lógica e a pressão produtiva do agronegócio se faz notar, pois ele domina, a montante e a jusante, toda a cadeia de insumos, processamento e distribuição de gêneros alimentícios, cultivados a base de agrotóxicos, defensivos, etc. Além disso, o agronegócio, articulado com as grandes cadeias de supermercados, escoar seus produtos ao alcance do grande público e a preços abaixo dos custos de produção, graças a subsídios em forma de créditos do governo e a sua gigantesca escala produtiva. Todas essas possibilidades não estão ao alcance dos pequenos produtores brasileiros, que precisam buscar formas autônomas de se organizar e escoar sua produção.

A sensibilização crescente com relação à importância de uma alimentação saudável, aliada às campanhas permanentes contra os agrotóxicos, pesticidas e toda espécie de produtos nocivos à saúde humana, são grandes aliados no sentido de abrir o precedente para a demanda popular por novas formas de produção e comercialização. Surgem assim cooperativas, feiras orgânicas e toda sorte de organização que permita prover tais produtos à sociedade. Ainda assim, a maior parte destas propostas tem pequeno alcance e, em certa medida, são frágeis, pois estão sujeitas a muitos fatores, como variação de demanda, variação de preços, fatores climáticos, e uma grande lista.

É nestas circunstâncias que aparecem às CSAs como uma estratégia múltipla que, a um só tempo, garante a segurança dos pequenos produtores agroecológicos a partir de uma receita fixa e adiantada; promove o acesso à uma alimentação saudável e com segurança de origem; sensibiliza consumidores da cidade para as questões do campo; e promove a soberania alimentar. Na sequência, iremos apresentar como elas funcionam; como propiciam a situação acima mencionada; e qual o seu panorama atual no estado de São Paulo, como uma relevante experiência agroecológica que merece registro e atenção, com vistas a seu aprimoramento e multiplicação.

### **As comunidades que sustentam a agricultura**

As CSAs (Comunidades que Sustentam a Agricultura) são um modelo de organização social baseado na comunhão e fortalecimento de vínculos entre agricultores e consumidores. Trata-se de uma experiência de aproximação direta entre aqueles que produzem e aqueles que consomem, geradora de fluxos econômicos permeados por uma ética de estímulo a fraternidade e a solidariedade entre as partes – valores considerados subversivos nos marcos de um sistema cuja reprodução baseia-se na competição e no individualismo entre as pessoas. Uma CSA é uma experiência inspirada no conceito de ‘economia associativa’ do austríaco Rudolf Steiner (2006), onde o bem-viver dos membros da comunidade passa a ser o objetivo comum.

Em termos concretos, um grupo de consumidores (também chamados coprodutores) financia um agricultor com pagamentos mensais prévios, e recebem, semanalmente, uma cesta de alimentos em um determinado ponto de distribuição para retirada (comumente chamado depósito), que pode ser na propriedade rural, em uma casa, associação, escola, comércio, ou, em alguns casos, os membros podem receber a cesta em suas residências.

O diferencial reside no fato de que as pessoas não escolhem, individualmente como em um supermercado, os itens que receberão. Ao fazer parte de uma CSA todos compreendem a sazonalidade, as intempéries e imprevistos inerentes à atividade agrícola, aceitando as cestas e suas eventuais variações quantitativas e qualitativas com naturalidade.

Um orçamento anual é construído e votado coletivamente pela totalidade dos membros de uma CSA, que se organizam em assembleias e espaços democráticos e participativos. A proposta é cobrir não apenas os custos de produção dos alimentos, mas proporcionar aos agricultores familiares a dignidade e a estabilidade que o agronegócio e a lógica de expansão do capital não permitem. Assim, são contabilizados valores que correspondem à qualidade de vida dos produtores, em amplo aspecto, e divididos no orçamento anual pelos membros da comunidade.

Uma CSA é capaz de operar profundas transformações na cosmovisão de seus membros, que, mediante sua participação na comunidade, se veem levados a repensar uma série de automatismos e paradigmas atrelados às relações mercantis convencionais às quais estamos sujeitos, e que constroem as subjetividades dos indivíduos. A superação da forma mercadoria como mediadora das relações humanas é uma das principais questões, pois, em uma CSA, os membros não pagam por um produto, mas apoiam uma atividade cujos frutos não estão exatamente determinados a priori. As CSAs exibem (e valorizam) aquilo que a forma-mercadoria oculta: o trabalho e os trabalhadores por trás dos bens produzidos.

A sigla CSA origina-se do inglês '*Community Supported Agriculture*', cunhado na década de 1980 por dois agricultores biodinâmicos europeus: o suíço Jan Vander Tuin e o alemão Trauger Groh. No Brasil, foi traduzida como 'Comunidade que Sustenta a Agricultura'. Anteriormente às CSAs nos EUA, o Japão, devido ao seu particular momento histórico e uma eventual crise camponesa, já havia desenvolvido, nos anos 1970, essa mesma proposta de associação entre produtores agrícolas e consumidores (sem contudo reivindicar os trabalhos de Steiner e as teorias da 'economia associativa').

Em síntese, as CSAs representam uma relação entre agricultores e a comunidade local, na qual as responsabilidades, riscos e benefícios da produção são divididos entre todos, fazendo assim com que os agricultores tenham segurança em sua produção e os consumidores tenham acesso direto a alimentos saudáveis, frescos e a preços acessíveis.

### **CSA no mundo**

Segundo Darolt (2012) esta forma de comercialização denominada CSA nos países de língua inglesa, recebe diferentes denominações ao redor do mundo:

1. *Association pour le Maintien de l'Agriculture Paysanne* (Associação para Manutenção da Agricultura Camponesa – AMAP) na França;
2. *Agriculture Soutenue par la Communauté* (Agricultura Sustentada pela Comunidade – ASC) em Québec, Canadá;
3. *Teikei* – no Japão;
4. *RECIPROCO* – em Portugal;
5. *Landwirtschaftsgemeinschaftshof*, na Alemanha;
6. *Andelslandbruk*, na Noruega;
7. *Gruppi di Acquisto Solidale (GAS)*, na Itália;
8. *Pergola*, na Holanda;
9. *Agricultura de Responsabilidade Compartida (ARCO)*, na Espanha.

Observa-se, portanto, a mundialização da experiência das CSAs, que, a despeito das múltiplas denominações que adotam nas distintas nações, mantém a essência do associativismo direto entre produtores e consumidores e a lógica de comprometimento que os vincula, para além de compras pontuais, na formação de comunidades. A partir dessa conjuntura, torna-se relevante o surgimento de uma rede mundial de CSAs chamada Urgenci. Esta rede atualmente pode ser acessada por meio de um portal disponível na internet, onde estão centralizadas informações de diversos países em que existem grupos por eles caracterizados genericamente de LSPPCs (*Local Solidarity-based Partnerships between Producers and Consumers*). Segundo se encontra descrito no site, a missão desta rede mundial

é: “reunir cidadãos, pequenos agricultores, consumidores, ativistas e atores políticos envolvidos em nível global por meio de uma abordagem econômica alternativa chamada: parceria local baseada em solidariedade entre produtores e consumidores”. Para eles, “Esta seria uma maneira de manter e desenvolver a agricultura orgânica em pequena escala e alcançar soberania alimentar local para cada região e comunidade ao redor do mundo”<sup>1</sup>.

Fazer uma estimativa do número de CSAs é uma tarefa difícil, pois, em muitos casos, as iniciativas CSAs não tem relacionamento direto com instituições (MCFADDEN, 2012). Segundo Parot (2014), uma primeira tentativa de se fazer um censo de mundial foi realizada pela Urgenci nos últimos 4 anos. Em consulta à rede podemos obter as informações relacionadas na tabela 1.

**Tabela 1** Quantificação mundial dos grupos de CSA/LSPPC ao redor do mundo

Localidade	Grupos	Consumidores	Produtores	Fonte
Africa	9	543	35	
<b>América do norte</b>	<b>7103</b>	<b>409700</b>	<b>7100</b>	<b>Parot (2014)</b>
Canada (Québec)	103	9700	100	Parot (2014)
EUA	7000	400000	7000	Parot (2014)
<b>América do sul</b>	<b>9</b>	<b>2000</b>	<b>6</b>	<b>Ferreira Neto et al. (2015)</b>
Brasil (São Paulo)	9	2000	6	Ferreira Neto et al. (2015)
<b>Asia</b>	<b>1514</b>	<b>176600</b>	<b>1876</b>	<b>Parot (2014)</b>
China	500	75000	500	Parot (2014)
India	4	600	576	Parot (2014)
Japão	1000	100000	700	Parot (2014)
Coreia do Sul	10	1000	100	Parot (2014)
<b>Europa</b>	<b>2939</b>	<b>330730</b>	<b>3999</b>	<b>Parot (2014)</b>
Inglaterra	140	24000	100	Parot (2014)
Europa oriental	51	3600	51	Parot (2014)
França	1600	180000	3000	Parot (2014)
Alemanha	80	16000	80	Parot (2014)
Itália	1000	100000	700	Parot (2014)
Espanha (País Basco)	30	100	30	Parot (2014)
Suíça	38	7030	38	Parot (2014)
<b>Total</b>	<b>11574</b>	<b>919573</b>	<b>13016</b>	

Segundo Parot (2014), o crescimento do número de CSAs estaria correlacionado ao surgimento de uma classe média, identificada como indivíduos com renda comparável a média nacional. Estes indivíduos assumem valores, autodeterminações e estilos de vidas similares. Por exemplo, segundo Shi et al. (2011), na China essa classe média é constituída por um grupo socialmente próspero, com elevado grau de cultura e qualidade de vida, e com sentimentos de aprovação dos valores convencionais estabelecidos socialmente. Ainda segundo Shi et al., evidências também sugerem que os consumidores estão dispostos a pagar quantias maiores por produtos que cumprem as normas ambientais básicas (Ibid.). Os resultados de uma pesquisa recente em Pequim mostram que os membros apoiam premissas gerais da CSA, e esboça um retrato da evolução das condições econômicas, mudando os valores de consumo, e uma identificação cada vez maior de bem-estar ambiental com a saúde humana.

Com relação às CSAs francesas – chamadas AMAPs – Parot (2014), afirma que o nascimento do movimento AMAP, e seu crescimento exponencial durante os anos de 2001-2008, deve ser entendido como a confluência entre dois movimentos: o movimento de camponeses do lado dos agricultores, e o movimento consumo crítico pelos consumidores.

Em artigo intitulado ‘*Amap, the French CSA Model: Business as usual or Social Movement?*’, Parot (2014) reporta a atuação de deputados no sentido de taxar as AMAPs, alegando que as mesmas constituíam-se enquanto empresas, gerando lucro e, como tais, deveriam pagar os devidos impostos. No entanto, é sabido que as AMAPs não recebem qualquer comissão ou outro recurso dos agricultores e consumidores; nada que possa se configurar em lucro ou vantagem econômica. O que se expressa aí de maneira didática, em um país onde o modelo avançou com grande relevância, disputando com poderes hegemônicos estabelecidos, é o que poderíamos chamar de ‘luta de classes’, com a política

<sup>1</sup>Disponível em: <<http://urgenci.net/the-network/>>. Acesso em 20 mai 2015.

institucional francesa, a serviço de uma classe dominante, buscando cercear os avanços de uma iniciativa descentralizada e que empodera a agricultura familiar camponesa.

### No Brasil

No Brasil, a literatura aponta que o grupo pioneiro a trabalhar com o modelo de ‘agricultura apoiada pela comunidade’ no Brasil estabeleceu-se em 1997, em Fortaleza, por meio da fundação da Associação para o Desenvolvimento da Agropecuária Orgânica (ADAO), que pode ser considerada como a primeira CSA de que se tem registro (YAMAMOTO, 2006; DAROLT, 2012). Ao longo dos anos, no entanto, o grupo cearense passou por uma série de etapas e reformulações, configurando-se hoje mais próximo do formato ‘feira’. A ADAO tem uma experiência rica e repleta de aprendizados – material de estudo obrigatório para os que possuem interesse em conhecer e se aprofundar no universo das CSAs. Acompanhando sua trajetória, podemos dizer, no sentido de interesse do presente artigo, haver se tratado de uma experiência pontual e localizada.

Foi só mais tarde, no ano de 2011, que o modelo de CSA emergiu enquanto um projeto coletivo no Brasil, com vistas a multiplicar-se e ganhando corpo em número de participantes e território. Foi com a fundação da CSA Demétria, no ano de 2011, em Botucatu, vinculada à comunidade antroposófica Estância Demétria, que esse novo ciclo se iniciou. Desde então, outros grupos surgiram, majoritariamente no estado de São Paulo, onde hoje existem 6 grupos ativos mapeados por este trabalho, atendendo a 9 cidades do estado. Acreditamos que existam outros grupos já formados ou em formação já em 2015, porém não fomos capazes de incluí-los devidamente na presente pesquisa que, esperamos, torne-se obsoleta rapidamente, com a rápida multiplicação de grupos no estado de São Paulo. Outro fato relevante foi a criação de uma rede de CSAs chamada ‘CSA Brasil’, formalizada em 2014, e, conforme informa em seu site oficial “visa ajudar na criação de novos projetos de CSA e também articular e auxiliar os projetos de CSAs já existentes, formando uma rede entre todos os projetos”<sup>2</sup>.

Utilizamos a figura 1 para ilustrar a distribuição geográfica dos grupos no estado de São Paulo.

Com relação ao número de pessoas diretamente envolvidas e a quantidade de recursos mobilizados pelas CSAs em São Paulo, apresentamos a Figura 2.

Note-se que, em termos globais, trata-se de uma pequena quantia quando comparada ao agronegócio que, no ano de 2013, movimentou 213 bilhões de reais a nível estadual (FIESP, 2014). Porém devemos considerar a breve história das CSAs, que, mesmo na incipiência de seu desenvolvimento, é capaz alcançar diretamente mais de duas mil pessoas em São Paulo, e mobilizar mais de meio milhão de reais por ano.

Dessa forma, as CSAs tendem a crescer e avançar nessa ‘disputa de mercado’ posta. Isso porque a

<sup>2</sup>Disponível em: <www.csabrasil.org>. Acesso em: 13 mai 2015



#### LEGENDAS:



Figura 1. Localização das CSAs no estado de São Paulo (FERREIRA NETO et al., 2015)

CSA	Número de Cotas	Valor Mensal / Cota	TOTAL \$ Movimentado pela CSA - Mensalmente	TOTAL \$ Movimentado pela CSA - Anualmente
CSA São Carlos	47	R\$ 80,00	R\$ 3.760,00	R\$ 45.120,00
CSA Demétria	440	R\$ 68,00	R\$ 29.920,00	R\$ 359.040,00
CSA Micael	49	R\$ 97,00	R\$ 4.753,00	R\$ 57.036,00
CSA Campinas	50	R\$ 83,00	R\$ 4.150,00	R\$ 49.800,00
CSA Toca-Corumbataí	120	R\$ 90,00	R\$ 10.800,00	R\$ 129.600,00
CSA Rio Claro	13	R\$ 60,00	R\$ 780,00	R\$ 9.360,00
<b>TOTAL</b>	<b>719</b>		<b>R\$ 54.163,00</b>	<b>R\$ 649.956,00</b>
<b>*Média de pessoas envolvidas nas CSAs em SP</b>	<b>2.000</b>			

\*Cálculo feito com base nas estimativas do IBGE, 2010 (3,3 pessoas por família)

Figura 2. Potencial econômico das CSAs em SP (FERREIRA NETO et al., 2015)

‘cadeia produtiva’ das CSAs, a montante e a jusante do processo agrícola em si – ou seja, na constituição de seus insumos e na distribuição daquilo que produz – não se associa aos ‘pacotes’, preestabelecidos pelo agronegócio brasileiro, pois realiza manejo orgânico, com ciclagem de nutrientes; cobertura morta e utilização de caldas naturais para combate a pragas, etc; e, no tocante à distribuição, organiza circuitos paralelos, para além de supermercados, CEASAS e grandes centros comerciais que se apropriam do valor gerado pelo trabalho. Isso faz com que as CSAs constituam-se enquanto uma prática contra-hegemônica de associação direta entre produtores e consumidores, pautada por uma ética distinta da ética dominante, capaz de fortalecer a criação de novas estruturas sociais e possibilidades de relação humana. Uma de suas táticas centrais é a disputa de mercados, pois, como vimos antes, o agronegócio legitima-se, principalmente, pela movimentação financeira e ‘riqueza’ que proporciona, que o coloca em condição de influir e intervir em outras áreas da sociedade, ditando regras e caminhos.

Dessa forma as CSAs podem ocupar um papel de destaque, reconfigurando as relações cidade-campo e transformando positivamente as condições de vida do agricultor familiar camponês que, inserido em uma nova dinâmica de valorização do trabalho e da produção de alimentos, escapa ao trágico caminho que o agronegócio impõe aos pequenos produtores brasileiros.

Os consumidores, por sua vez, encontram uma alternativa alimentar saudável, com garantia de origem, fugindo da elitização do mercado orgânico e dos preços abusivos, que vem se estabelecendo enquanto um nicho de mercado de luxo para as classes abastadas. As CSAs proporcionam alimento saudável a um preço justo, e, em vários casos, inclusive, considerando formas de acesso social não monetário, por meio da concessão de bolsas de participação em troca de trabalho para aqueles que não possam pagar a cota mensal – caso da CSA São Carlos, que estabeleceu política de comportar, no mínimo, 10% de bolsistas na comunidade.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Plano safra da agricultura familiar 2014/2015, 2014. Disponível em: <[http://www.mda.gov.br/plano\\_safra/](http://www.mda.gov.br/plano_safra/)>. Acesso em 08 mai 2015
- DALMAGRO, Sandra Luciana; VENDRAMINI, Célia Regina. O trabalho no campo e no contexto do MST. *Motrivivência*, n. 35, p. 130-146, 2011.
- DAROLT, M.R. *Conexão Ecológica: novas relações entre agricultores e consumidores*. Londrina: IAPAR, 2012. 162 p.
- DAVIS, J. H.; Goldberg, R. A. *A concept of agribusiness*. Boston: Harvard University, 1957
- ELIAS, Denise. Agronegócio e novas regionalizações no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 13, n. 2, p. 153-167, 2012.
- FERREIRA NETO, D. N.; AMORIM, J. O. de L.; MOLINA, A. de A.; TORUNSKY, F. Financiamento da produção agroecológica a partir do modelo de CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura): um panorama no estado de São Paulo. *Cadernos de Agroecologia*, IX CBA, Belém, 2015 (no prelo)
- FIESP. Federação das Industrias do Estado de São Paulo. PIB do Agronegócio do Estado de São Paulo. FIESP, 2014. Disponível em: <<http://az545403.vo.msecnd.net/uploads/2014/10/pib-do-agronegocio-do-estado-de-sp.pdf>>. Acesso em: 14 mai 2015.
- GROH, Trauger; MCFADDEN, Steven. *Farms of Tomorrow Revisited: Community supported farms, farms supported community*. 1997, Biodynamic farming and gardening association.
- HENDERSON, Elizabeth; VAN EN, Robyn. *Sharing the Harvest: A citizen's guide to Community Supported Agriculture*. 2007, Chelsea Green Publishing Company, White River Junction, Vermont.

- DELGADO, José Guilherme, 2006 - Agronegócio. IPEA. Disponível em: <<http://www.unesp.br/aci/jornal/211/suplec.php>> . Acesso em 10 mai 2015
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo agropecuário 2006. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/agri\\_familiar\\_2006/familia\\_censoagro2006.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/agri_familiar_2006/familia_censoagro2006.pdf)>. Acesso em: 10 mai 2015
- LAMB, Gary. Community Supported Agriculture: Can it Become the Basis for a New Associative Economy? 1994. Disponível em: <<http://www.rci.rutgers.edu/~insects/robson/AGECOLOCT28-6.pdf>> Acesso em: 19 mai 2015.
- LUTZENBERGER, J. A. Fim do futuro? Manifesto Ecológico Brasileiro. Editora Movimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1980.
- MCFADDEN, Steven. Unraveling the CSA number Conundrum, The Call of the Land, 2012. Disponível em: <<http://thecalloftheland.wordpress.com/2012/01/09/unraveling-the-csa-numberconundrum/>>. Acesso em 10 mai 2015
- NUNES, Sidemar Presotto. O desenvolvimento da agricultura brasileira e mundial e a idéia de Desenvolvimento Rural. Departamento de Estudos Sócio-Econômicos Rurais, nº157, 2007.
- PAROT, Jocelyn. Amap, the French CSA Model: Business as usual or Social Movement?. Urgenci.net, 2014. Disponível em: <[http://urgenci.net/wp-content/uploads/2015/02/PAROT\\_CASS\\_ARTICLE\\_2015.pdf](http://urgenci.net/wp-content/uploads/2015/02/PAROT_CASS_ARTICLE_2015.pdf)>. Acesso em 15 mai 2015
- PNAD, 2011. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2011/sintese\\_defaultpdf\\_dados.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2011/sintese_defaultpdf_dados.shtm)> . Acesso em: 19 mai 2015.
- RICKLI, Ralf. O desafio da relação acadêmica com a obra de Rudolf Steiner. Trópis Iniciativas Socio-Culturais. São Paulo, 2010. Disponível em: <[www.tropis.org/biblioteca/steiner-academia.pdf](http://www.tropis.org/biblioteca/steiner-academia.pdf)>. Acesso em: 10 mai 2015.
- SHI, Y., Cheng, C., Lei, P., Wen, T., and Merrifield, C. Safe Food, Green Food, Good Food: Chinese Community Supported Agriculture and the Rising Middle Class, International Journal of Agricultural Sustainability (9: 4), pp. 551-558, 2011
- STEINER, Rudolf. Economia Viva - o mundo como organismo econômico único. São Paulo: Antroposófica, 3a edição, 2006.
- YAMAMOTO, A. Por que continuamos juntos? Reciprocidade, mudança cultural e relações de poder entre o urbano e o rural. Dissertação de mestrado em sociologia – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

## CAPÍTULO 24

# DESAFIOS E SUPERAÇÕES NA COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS ORGÂNICOS NA REGIÃO DE SOROCABA

**Bruno Franques; Fernando Silveira Franco; João Rissato; José Carmelo; Josiane Siqueira;  
Rodrigo Brezolin Buquera; Suzana Rodrigues Alvares; Tainara Proença Nunes**

### INTRODUÇÃO

Em meio à crise ecológica, econômica, política e social que vivemos, é fundamental sermos criativos e solidários. Para criarmos e fortalecermos processos sustentáveis, colaborativos e participativos de um lado, e de outro, devemos argumentar, para que esses processos se tornem alternativas consistentes e que tenham espaço apesar do inescrupuloso sistema convencional. A *economia solidária*, o *consumo consciente* e os *circuitos curtos de produção e consumo*, são bases conceituais teóricas de *tecnologias sociais*, com profundo enraizamento prático, que fazem dialogar o saber técnico-científico com o saber popular, de que constituem abordagens bastante amplas, ricas e promissoras que vêm ganhando cada vez mais adeptos no enfrentamento das adversidades do mercado atual.

*Tecnologia social* é um conceito amplo, que “pode compreender tanto produtos como técnicas com metodologias reaplicáveis, desenvolvidas em interação com a comunidade e que representem propostas efetivas de transformação social” (GADOTTI, 2009).

A solidariedade na economia atual, só será possível se for organizada igualmente pelos que se associam para produzir, comercializar, consumir ou poupar. A *economia solidária* é um modo de produção alternativo ao modo de produção capitalista, mas que é capaz de se desenvolver no bojo do sistema que visa transformar. Segundo Paul Singer, seus princípios básicos são a “propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual” (SINGER, 2002). A reinvenção da economia solidária no Brasil é recente, mas apresenta grande vigor e notável criatividade institucional. Na área rural, as cooperativas de produção agrícola têm reunido produtores familiares com o intuito de agrupar sua produção, facilitando o acesso desses produtores ao mercado e a programas de compras institucionais, como o PAA e o PNAE. As cooperativas viabilizam também a aquisição coletiva de equipamentos para a produção, beneficiamento e logística de distribuição.

Os *circuitos curtos de produção e consumo* tratam basicamente do estímulo à economia local através do fortalecimento dos laços de produção e consumo dentro da própria comunidade. O estreitamento das relações entre essas e outras atividades como educação, pesquisa, comunicação, turismo e outros serviços também são fundamentais nesses circuitos transdisciplinares de reconhecimento e incentivo recíproco e horizontal. Alinhados com as propostas da economia solidária, os circuitos mais avançados contam inclusive com moeda própria, como mais uma forma de incentivar os elos da corrente a manterem os recursos circulando dentro de suas próprias comunidades.

O *consumo consciente* estimula a comunidade, entre outras ações, a pensar na trajetória de determinado produto antes da decisão da compra. Muitos coletivos e entidades ligadas às etapas do processo da alimentação, em consonância com a proposta, adotaram a seguinte frase de impacto para estimular os consumidores a pensarem na consequência de seus atos: “O que você alimenta quando se alimenta?”. Trata-se de entender a alimentação como um ato político, econômico e cultural, com uma pegada ecológica. Dando preferência para os alimentos produzidos localmente, ajudamos os agricultores familiares da região a se fortalecerem perante a truculência do grande agronegócio e a continuarem produzindo seus produtos mais saudáveis e seguros para

nossa comunidade, alimentando também a sua própria subsistência. Conhecendo o agricultor que produziu nosso alimento, cultivamos uma relação de confiança onde conseguimos um preço mais justo e alimentos com maior qualidade, ao mesmo tempo em que o agricultor, sem o atravessamento do intermediário, recebe mais pelo seu trabalho e ganha um estímulo para cultivar alimentos cada vez mais saudáveis. Peças de comunicação, campanhas, oficinas, eventos e publicações que explicam e destacam essas relações são fundamentais para que os consumidores gradualmente passem a adotar tais práticas. Mas apenas a comunicação e a educação não bastam para que a transformação aconteça. O consumidor precisa saber onde encontrar o produtor para que a relação se estabeleça. Nesse sentido, as feiras agroecológicas da agricultura familiar são fundamentais. Cooperativas de consumo, Cestas de produtos agroecológicos e o CSA - Comunidade Sustentando a Agricultura são organizações mais avançadas que completam o ciclo a partir da ótica do consumo, mas também ajudando a organizar e viabilizar a produção. Voltaremos a elas mais adiante.

A produção de base agroecológica da agricultura familiar enfrenta cotidianamente diversos desafios. Após a famigerada Revolução Verde - nome dado ao processo de industrialização do campo que teve início globalmente na década de sessenta do século passado - a escala da produção agrícola aumenta vertiginosamente, aliada à alta mecanização da produção, ao uso intensivo de agrotóxicos e outros insumos químicos, à monocultura, aos grandes latifúndios e a produção de commodities em detrimento da produção de alimentos. Os povos indígenas, os quilombolas, as comunidades tradicionais, as famílias assentadas da reforma agrária e os pequenos produtores em geral, sofrem com a compressão de seus territórios, seus lotes e sítios, sendo muitas vezes expulsos violentamente de suas terras. Os remanescentes, resistentes ao avanço da agricultura industrial que ainda subsistem, são cercados de maneira muito áspera pelo agronegócio, que contamina tudo ao seu redor: água, terra e ar. As grandes monoculturas impactam drasticamente a biodiversidade da região, impedindo a natureza de se recompor da devastação sofrida. Além do mais, o pequeno agricultor sofre grande pressão para mudar seu modo de produção tradicional, orgânico e diversificado para a produção convencional. Os que acabam cedendo logo se veem envolvidos em outra série de problemas: a dependência da compra dos insumos do “pacote verde” – transgênicos, fertilizantes e agrotóxicos – endividamento crescente, mercados altamente competitivos e ferozes que impõem preços cada vez menores e vínculos extremamente frágeis. Muitos adoecem contaminados pelo manuseio constante dos venenos agrícolas, conforme estimativas do Ministério da Saúde.

O apoio à transição agroecológica se dá a partir de realidades diversas. Desde o plantio em terras que há muito tempo não produzem, passando por melhorias técnicas às produções existentes até o desafio à transição da produção convencional, com o uso de agrotóxicos para a produção de base agroecológica. Não cabe aqui esmiuçar tais técnicas e as dificuldades apresentadas em cada caso, mas apenas salientar que para todos, há um grande gargalo que é o escoamento da produção. É uma faca de dois gumes, pois sem a garantia da compra dos produtos, os agricultores se veem desestimulados a assumirem os riscos dos investimentos necessários, e por outro lado, sem a produção acontecendo, é bastante difícil criar espaços e meios de comercialização.

Os meios mais eficazes e usualmente acessados e criados são os Programas de Aquisição de Alimentos (PAA), o PNAE e o PPAIS, além das feiras, cestas e comunidades de consumo. As Feiras Agroecológicas, de comercialização da produção orgânica da Agricultura Familiar, de Comunidades Tradicionais e de Assentamentos da Reforma Agrária têm se espalhado pelo Brasil e pelo mundo proporcionando uma nova experiência nos espaços públicos que ocupam. Essas feiras aproximam o produtor do consumidor, tirando atravessadores do caminho, o que barateia os produtos para o consumidor e aumenta o rendimento do produtor. Essa aproximação também atua na humanização da relação entre os dois elos dessa corrente: de um lado valoriza o produtor rural e de outro estabelece a responsabilidade do produtor com o que ele colocará na mesa do consumidor. O resultado são pessoas mais felizes e saudáveis, no campo e na cidade.

Essas Feiras movimentam muito mais que a economia solidária e o comércio justo de alimentos saudáveis. Por terem surgido principalmente por iniciativas da sociedade civil, aspectos políticos, sociais, ecológicos e culturais estão frequentemente presentes nesses espaços. Existe um clima de festival em cada edição, em que atividades pedagógicas como oficinas, palestras, rodas de conversas e mini-cursos acontecem em meio a performances, intervenções, brincadeiras, apresentações e shows de arte e cultura. Entre os aspectos políticos destaca-se a ocupação do espaço público, a criação e fortalecimento de grupos que lutam pelos direitos dos envolvidos, pela formulação de políticas públicas, programas de crédito, incentivo, assistência técnica, entre outros. O social está presente no encontro comunitário, no fortalecimento dos laços, nas rodas de conversas, nas trocas

de experiências, na atenção, respeito e valorização de cada cidadão e cidadã ali presentes. Não é raro encontrarmos espaços dedicados às crianças, promovendo o brincar e o compartilhamento da experiência social entre as gerações. A ecologia é promovida desde a essência da Agroecologia que ao recusar-se a utilizar qualquer tipo de veneno, entre muitas outras ações, protege o meio ambiente e a biodiversidade. A valorização da cultura tradicional, do conhecimento popular, das manifestações artísticas, das festas e celebrações costumam animar essas feiras com muita cor, música e alegria. É sempre uma celebração do encontro, da comunidade e da vida.

### **Feira Orgânica de Transição Agroecológica de Sorocaba**

O ano de 2012 foi marcado por uma convergência de movimentos sociais do mundo todo para o tema ambiental. Enquanto os dirigentes dos principais países protagonistas da globalização neoliberal se organizavam para a realização da Conferência da ONU pelo Desenvolvimento Sustentável, conhecida como Rio+20, os movimentos sociais que já vinham se encontrando regularmente nas etapas do Fórum Social Mundial articularam paralelamente um encontro de contraposição àquela conferência que entendiam constituir mera encenação da política internacional para continuarem com o mesmo modelo predatório de desenvolvimento industrial. A Cúpula dos Povos então marcou a convergência dos movimentos internacionais de variadas linhas, ideologias e programas, a um tema comum: a questão ambiental.

Em consonância com essa conjuntura, em Sorocaba, aconteceu no mesmo ano o I Fórum Social Sorocaba, onde a preocupação ecológica foi apresentada pelos movimentos locais a partir de seus vieses de luta. Um dos frutos dessas articulações foi um coletivo criado a fim de promover encontros mais constantes de movimentos diversos em torno da questão ambiental. Após alguns encontros, esse coletivo de movimentos, entidades, cidadãos e cidadãs da sociedade civil identificou que uma feira regular de produtos orgânicos poderia configurar o espaço almejado e assim nasceu o GaRfOS, Grupo de Articulação Regional da Feira de Orgânicos de Sorocaba, que é lançado em primeira mão durante o II Fórum Paulista de Agroecologia e o VI Encontro da Articulação Paulista de Agroecologia, promovido pelo Núcleo de Agroecologia Apêtê Caapuã (NAAC) e Articulação Paulista de Agroecologia (APA) na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), campus Sorocaba, em 10 de novembro de 2012.

Já no lançamento, o coletivo acolhe mais integrantes, entre eles alguns produtores agroecológicos e assentados da reforma agrária, e no decorrer do tempo vai sendo integrado por atores e instituições da APA Regional Sorocaba, que agregam atuação junto a agricultores da região. A proposta que se desenhou para o GaRfOS foi a de trabalhar com a Rede de Agroecologia em todas as etapas, desde o apoio ao produtor convencional que quer realizar a transição, o suporte ao pequeno produtor da resistência agroecológica, a luta pela reforma agrária, a valorização da Agricultura familiar, da cultura camponesa, dos povos e comunidades tradicionais, até o estímulo ao consumo de produtos saudáveis, a promoção da Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional e diversas outras ações que incidem em políticas públicas, como a participação no Conselho de Segurança Alimentar (CONSEA) e no Conselho Municipal de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (COMAPA). Apesar do aprofundamento nessas questões, o coletivo nunca deixou de lado sua vocação original, de ser um espaço de articulação política para movimentos sociais, entidades da sociedade civil, cidadãos de diferentes formações e militâncias em torno da questão ambiental.

Após o lançamento, diversos encontros que seguiram antes que a Secretaria do Meio Ambiente oferecesse seu valioso apoio disponibilizando o Parque Chico Mendes como palco para que a feira enfim acontecesse. Constituída a parceria com a Prefeitura, alguns ajustes tiveram que ocorrer nos planos originais e em 28 de setembro de 2013 a Feira Orgânica de Transição Agroecológica de Sorocaba era inaugurada. De lá para cá a feira seguiu ininterrupta, todos os sábados pela manhã, tendo deixado de acontecer apenas entre as comemorações de natal e ano novo.

Durante o primeiro ano, o GaRfOS promoveu uma série de encontros de articulação política no espaço da feira, mantendo uma tenda para comercialização de materiais e divulgação dos coletivos parceiros. Alguns abaixo-assinados e um projeto de lei de iniciativa popular contra usinas nucleares no Brasil tiveram na tenda do GaRfOS seu ponto fixo de coleta de assinaturas, mantendo viva a proposta original de articulação política de temas transversais representando as diversas frentes dos coletivos que o compõem. O Núcleo de Educação Infantil Jardim do Livre Sonhar, teve nesse espaço importantes encontros em seu processo de constituição e a Rede SANS, Rede de defesa e promoção da alimentação saudável, adequada e solidária também foi protagonista de uma série de eventos.

Entre as diversas ações paralelas à comercialização da produção agroecológica da região,

o projeto “Música na Feira” merece destaque. Músicos e bandas de destaque da cidade e da região se apresentaram na feira e em reconhecimento receberam sempre generosas doações de produtos agroecológicos ofertados pelos produtores. Com o intuito de promover a feira e dar seguimento aos outros objetivos do coletivo, o GaRfOS, se aproximou do SESC Sorocaba, a partir de seu Núcleo de Educação Ambiental, onde promoveu uma série de encontros, oficinas, cine-debates e rodas de conversa, iniciando uma parceria que hoje o NAAC dá continuidade. Inclusive possuindo uma cadeira no Conselho da Feira, ocupando o posto da Sociedade Civil Organizada.

Até o momento já foram realizadas mais de 80 edições, comercializando cerca de 100 itens entre frutas, legumes, verduras, temperos, grãos, ovos, mel e processados como geleias, pães e bolos. Além das atividades promovidas pelo GaRfOS e seus parceiros da sociedade civil, a Secretaria do Meio Ambiente realizou cerca de 20 atividades educativas (oficinas, exposições, visitas monitoradas) e em 2015 distribuiu 400 mudas de árvores durante o evento que conta com a visitação de 200 a 600 pessoas por sábado. Entre as principais atividades educativas que o NAAC esteve presente foram o “Fim de Semana Agroecológico” e o “Dia Mundial do Combate a Poluição por Agrotóxicos”.

Devido a demandas dos consumidores e produtores, no presente ano foi aberto um novo edital para participantes e inclusão de produtos de origem animal e processados. No segundo semestre de 2014 foi feita uma consulta com o NAAC, secretarias municipais, produtores e técnicos para elaboração de um regimento interno e conselho da feira. O objetivo da comissão é fomentar a dinâmica de comercialização e caráter educativo da feira para seus participantes e consumidores. Para compor a mesma foi lançado um edital de chamamento de membros. A comissão da feira com caráter consultivo, e atualmente composta por dois representantes do poder público (Secretaria do Meio Ambiente e Secretaria de Serviços Públicos), dois representantes produtores rurais, um representante da sociedade civil não organizada, um representante da sociedade civil organizada, um representante do Conselho Municipal de Agricultura Pecuária e Abastecimento e um representante do Conselho Municipal de Segurança Alimentar). Entre os representantes de entidade civil organizada estão o Instituto Terra Viva de Agroecologia e o NAAC representando a UFSCar de Sorocaba.

A feira é então, atualmente, regida pelo edital de chamamento público lançado no Jornal do Município de Sorocaba de 06 de março de 2015, pág. 23, e conta com oito produtores ou cooperativas cadastrados dos municípios de Araçoiaba da Serra, Itapetininga, Iperó, Ibiúna e Piedade.

O aumento da procura por esses alimentos e por agricultores interessados em realizar a transição agroecológica cresce a cada dia. Durante a feira é realizada uma pesquisa de satisfação que nos ajuda a melhor atender as expectativas e demandas do público. No site do GaRfOS ([www.garfos.org.br](http://www.garfos.org.br)), há dois formulários constantes, um para cadastro de consumidores, com uma pesquisa de preferências e outro para cadastro de produtores interessados em participar da feira do Chico Mendes ou de outras que possam surgir.

### **Feira Agroecológica da Agricultura Familiar na UFSCar**

A ideia da feira surgiu durante um evento organizado pelo núcleo, o qual buscava difundir a Agroecologia e a Agricultura Familiar dentro do ambiente universitário. Durante o evento, foram comercializados produtos orgânicos, os quais tiveram boa aceitação do público participante e da comunidade universitária. A partir deste ponto, constatou-se uma boa demanda por produtos orgânicos dentro da universidade.

A Feira Agroecológica da Agricultura Familiar na UFSCar Sorocaba, teve início no segundo semestre de 2014, contando inicialmente com três produtores. Com o andamento da feira o número de feirantes aumentou, assim como a variedade de produtos ofertados. Atualmente a feira conta com seis produtores e acontece toda terça-feira, das 10h às 16h.

Desde seu início a feira enfrenta diversas dificuldades. Com a recente greve dos funcionários das universidades federais, as vendas diminuíram substancialmente. Apesar da consolidação da feira dentro da UFSCar Sorocaba, as vendas atualmente não são suficientes para que os feirantes se mantenham de maneira satisfatória. Por esse motivo, a desistência de alguns feirantes e a consequente abertura para entrada de novos parceiros foi inevitável.

Outra problemática verificada, é o fato de que a universidade se encontra relativamente distante do centro do município, por isso o público da feira acaba se restringindo, principalmente à comunidade universitária, mas também à comunidade de seu entorno, constituída basicamente por condomínios residenciais. Desde o início da feira, percebe-se que os principais consumidores são os professores e funcionários da universidade, sendo os alunos e os moradores da região compradores ocasionais. Grande parte dos alunos não reside em Sorocaba, e costumam fazer suas refeições no

restaurante universitário, dessa forma acabam não consumindo os produtos da feira por não terem o hábito de cozinhar suas próprias refeições. Além disso, percebe-se que há uma baixa sensibilização da comunidade universitária em relação ao consumo de produtos orgânicos.

Diante desses desafios, os membros do NAAC junto com os produtores que constituem a feira, desenvolveram algumas estratégias. A data da feira que anteriormente acontecia às quartas-feiras foi alterada para as terças-feiras, a fim de disponibilizar os alimentos mais no início da semana, atendendo a demandas dos alunos que fazem compras semanais e que retornam às suas cidades de origem nos fins de semana. Foi iniciado o projeto “Música na Feira” convidando os músicos e artistas da própria comunidade acadêmica a se apresentarem durante a feira, o que, aliado à troca de local para uma praça mais bem posicionada, vem chamando atenção à presença da feira no Campus. Os resultados já começaram a aparecer e espera-se que em breve já possa ser considerada um sucesso em todos os aspectos.

O NAAC vem articulando com outros produtores, mesmo fora da região de Sorocaba, para aumentar a oferta e variedade de produtos nas feiras. A preocupação central com a questão agroecológica é valorizar a certificação orgânica, em especial pelos mecanismos participativos de garantia e controle social. Aceita-se que os feirantes façam a composição de suas bancas da feira com até 30% (trinta por cento) de produtos de terceiros, desde que mantenham preços acessíveis, de acordo com os princípios da economia solidária.

### **Grande Feira Agroecológica da Agricultura Familiar (Feira do SESC)**

Através da sua atuação em extensão rural, o NAAC relaciona-se com diversos agricultores agroecológicos procurando estimular e construir espaços de comercialização conscientes e justos. Com isso, surgiu o desejo de celebrar o Ano Internacional da Agricultura Familiar (AIAF) proposto pela FAO em 2014, germinando a ideia de uma feira que promovesse uma grande comercialização com conscientização social, alimentar e ambiental.

A parceria do NAAC com o Serviço Social do Comércio SESC- Sorocaba para a realização da feira tem se mostrado uma importante forma de estender suas ações para além do ambiente universitário e levar o debate da Agroecologia para o público em geral. O SESC atua na cidade desde 1950 e promove em sua unidade projetos educativos e culturais relacionados a diversas áreas, com um público frequentador consolidado de diversas idades, proporcionando espaço e visibilidade para as atividades realizadas pelo núcleo.

Na Grande Feira Agroecológica da Agricultura Familiar objetivou-se o contato do mundo urbano com o mundo rural: diálogos, trocas e estímulo para visita de cidadãos urbanos ao ambiente rural, popularização da Agroecologia e da produção agrícola, a valorização do campesinato e da Agricultura Familiar, formação de público consumidor e estímulo à participação política, pois considera que as feiras são espaços de troca abrangendo várias dimensões.

Através de atividades educacionais, o contato dos agricultores e do público foi estimulado com a elaboração dos seguintes materiais: 1) Material visual informatizado com imagens da localização geográfica de cada unidade produtiva, da produção e dos produtores, que possibilitaram a percepção de que o produto consumido faz parte de um contexto social, humano e ambiental; 2) Materiais impressos com informações sobre os alimentos ideias a serem consumidos em cada estação do ano. Preocupou-se também em criar uma decoração que remetesse ao ambiente rural, com bananeiras, cana-de-açúcar, mandioca e legumes produzidos pelos agricultores.

Inicialmente, foi importante utilizar o nome Feira Livre de Agrotóxicos, para despertar uma reflexão por parte dos consumidores, já que as feiras livres não diferenciam produtos orgânicos daqueles que são produzidos convencionalmente. A feira seria um espaço de comemoração e também de comercialização de alimentos *livres* de veneno, como um pequeno mundo numa região metropolitana em que os produtores e produtoras rurais teriam papel central na manutenção de uma alimentação natural e segura. Porém, o evento foi lançado como a Grande Feira Agroecológica da Agricultura Familiar, palavras bem claras e ideológicas, que traduziram o ocorrido, mas que não chegaram às mídias interessadas e ao público em geral.

O critério para escolha dos feirantes foi a parceria já existente entre o NAAC e grupos em transição agroecológica da região, incluindo a Comunidade Rio Preto, em Sete Barras/SP. Desta forma, priorizou-se a participação das cooperativas consolidadas e em processo de consolidação. A aceitação não se deu de maneira rápida por parte de todos os convidados, pois preocuparam-se com o escoamento dos alimentos, no sentido de rendimento do trabalho, do horário e da data (domingo à tarde). Na intenção de valorizar e comemorar a agricultura familiar, os agricultores foram contratados

como oficinairos, pelo SESC. Sendo assim, além do valor arrecadado com a venda dos produtos, cada grupo produtivo recebeu uma quantia a mais pelo seu dia de trabalho que incluiu a comercialização dos produtos em o compartilhamento de conhecimentos com o público.

O horário para o encerramento da feira ficou acordado entre todos e, após o fechamento da feira, houve uma conversa de avaliação entre os membros do NAAC e do SESC responsáveis pela organização da feira e os feirantes. Em relação aos agricultores, a satisfação pelo sucesso da comercialização de seus produtos e pela forma que foram tratados durante a feira era clara. Para o SESC, o público se mostrou interessado em mais edições do evento, em conhecer os alimentos agroecológicos, e para o NAAC, a experiência contribuiu para o aprendizado em realizar feiras com outras instituições especializadas na promoção de eventos, além da satisfação com o sucesso deste momento de valorização da Agricultura Familiar de base agroecológica. Por fim, os agricultores celebraram seu dia quando a música, as conversas e a alegria bateram ponto às 13 horas daquele domingo de encontro entre o rural e o urbano.

### **O CSA da UFSCar Sorocaba**

O termo CSA, como já dito anteriormente, é uma sigla em inglês a qual significa Community Supported Agriculture, que significa: Comunidade que Sustenta Agricultura. O CSA consiste no modelo de Agricultura apoiada pela comunidade, onde o agricultor organiza e financia sua produção juntamente com os consumidores, não vendendo mais seus produtos através de intermediários, colaborando desta forma, no desenvolvimento sustentável regional (CSA BRASIL, 2015). Em um CSA o agricultor produz cestas de produtos orgânicos e as leva semanalmente a um galpão ou preferencialmente a casa de algum membro do CSA, e os consumidores, estes também membros do CSA, retiram as cestas e fazem uma contribuição mensal ao agricultor.

O CSA é uma forma alternativa e promissora de comercialização, por esse motivo o NAAC tem como objetivo fomentar a criação de um grupo de CSA em Sorocaba, centralizado na UFSCar. A ideia consiste em usar o espaço da Feira Agroecológica como local onde as pessoas recolhem suas cestas e o Núcleo de Agroecologia seja o mediador das transações financeiras entre os consumidores e os agricultores. O objetivo inicial era criar um CSA junto a um grupo de agricultores orgânicos, membros de uma Organização de Controle Social (OCS), isto é um grupo de comercialização de produtos orgânicos certificados para venda direta.

O projeto do CSA surgiu junto com o Projeto CSA Brasil (Edital 027/CNPq), com foco no CSA de Botucatu. Este já existe há alguns anos e por isso serviu como modelo para a futura implantação em Sorocaba, onde o espaço universitário será o centro do CSA e os membros da comunidade universitária, os principais consumidores, com a utilização do espaço “Feira Agroecológica da Agricultura Familiar” como depósito ou centro de distribuição aonde os membros do CSA irão buscar suas cestas.

No momento encontra-se em processo, a formação do CSA Sorocaba, em parceria com a Escola Waldorf Micael, onde será o depósito, sendo a produção realizada por agricultor do Assentamento Porto Feliz, do município de Porto Feliz, com apoio de um agricultor do Assentamento Ipanema, de Iperó. Até o momento existem 30 famílias interessadas em serem co-produtores, e os alimentos devem começar a ser entregues.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A região de Sorocaba possui um grande potencial para a comercialização de produtos orgânicos, no entanto observa-se que há uma desconexão entre a produção e o consumo de produtos orgânicos. Ao mesmo tempo em que existe uma demanda por parte dos consumidores de se alimentar com produtos orgânicos, ainda há desafios a serem superados quanto à organização da produção e articulação dos consumidores. Muitos produtores trabalham com hortaliças, deixando as frutas em segundo plano, outra dificuldade é a adaptação dos consumidores à sazonalidade de hortaliças e frutas, para que aceitem que determinados produtos somente são ofertados em determinadas épocas do ano.

Através de ações como as experiências descritas neste capítulo, o NAAC busca promover o encontro entre o mundo rural e o mundo urbano e fortalecer a rede agroecológica na região Sorocabana.

## REFERÊNCIAS

- CSA BRASIL. O que é CSA. Disponível em: <<http://csabrasil.org/about/>> Acesso em 14 de setembro de 2015.
- FAO. Ano Internacional da Agricultura Familiar. Disponível em: <<http://www.fao.org/family-farming-2014/home/what-is-family-farming/pt/>> Acesso em 13 de setembro de 2015.
- GADOTTI, Moacir. Economia Solidária como Práxis Pedagógica. São Paulo: Editora Livraria Paulo Freire, 2009.
- SINGER, Paul. Introdução à Economia Solidária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.
- Jornal do Município de Sorocaba. Regulamento da Feira de Orgânicos e Transição Agroecológica de Sorocaba. Anexo 01, p. 23. 2015. Disponível em: < <http://www.sorocaba.sp.gov.br/anexos/SECOM%2FJornal-do-Municipio%2F2015/1.676%20-%2006%20de%20fevereiro%20de%202015.pdf>> Acesso em 13 de setembro de 2015.

## CAPÍTULO 25

# COMUNIDADES QUE SUSTENTAM A AGRICULTURA (CSA) COMO ESTRATÉGIA DE COMERCIALIZAÇÃO E FINANCIAMENTO PARA A AGRICULTURA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE BOTUCATU - SP

Marcos Antônio da Silva Ribeiro; Lin Chau Ming; Osmar de Carvalho Bueno; Ariel de Andrade Molina; Monik Monteiro de Oliveira

### INTRODUÇÃO

Apesar da Agricultura Familiar ser a responsável pela maior parte da produção de alimentos que abastecem a população brasileira, chegando a cerca de 72%, a fração de terra que a corresponde ainda é irrisória comparada com a dos grandes produtores, beirando apenas 24,3% (IBGE, 2006). Este panorama se estende a uma perspectiva mundial, de forma que de 570 milhões de unidades produtivas dedicadas à agropecuária, em todo o mundo, 500 milhões são típicas do modelo de base familiar. Apesar do volume da produção familiar não ser expressivo e do tamanho das propriedades ser muito pequeno, não se mede quão grande é a importância social e cultural por trás delas (HEBERLÊ, 2014).

Para entender como ocorreu a construção deste cenário, um estudo aprofundado nos conceitos do Capitalismo mostra como a lógica deste sistema afeta o desenvolvimento social no campo. O poder capitalista, para subsistir, exige a contínua concentração de capital e uma expansão geográfica sem limites (COMPARATO, 2011).

Sua influência sobre a Agricultura Familiar no Brasil foi mais acentuada durante a Revolução Verde, um processo em que o surgimento de tecnologias agrícolas que permitiram um aumento considerável na produção, entretanto a melhoria econômica trouxe consigo um agravamento de problemas sociais no campo, e conseqüentemente na cidade. O aumento da concentração fundiária e a dependência de sementes e das outras tecnologias necessárias para desenvolver esse modelo de agricultura, alterou a cultura dos pequenos proprietários que encontraram dificuldades para se inserir nos novos moldes. A divisão de terras, imposta de forma desigual, gerou-se um processo de êxodo rural que causou o inchaço das cidades. Conseqüentemente muitas pessoas tiveram de se alojar as margens dos grandes centros urbanos onde se formaram comunidades ou favelas (FERRAZ, 2001).

Os pequenos produtores que resistiram no campo as imposições da Revolução Verde, também sofreram com os impactos gerados por ela. Com um novo perfil de mercado que valoriza apenas a geração de *commodities* (ELIAS, 2012), se fez necessária a formação de um processo produtivo que instigue a interação de diversos conjuntos de elementos (“empresas” ou “sistemas”), para atender com eficiência um mercado consumidor cada vez maior e mais exigente. A partir dessa demanda surgiram as cadeias produtivas, que definiram os atores e seus papéis dentro do processo produtivo (SILVA, 2014). Entretanto, tal forma de organização acabou por desencadear uma transferência do lucro decorrente da atividade agrícola para a agroindústria, deixando o produtor rural com uma estreita margem, levando ao seu endividamento, fazendo com que muitos abandonassem as atividades rurais (OCTAVIANO, 2010).

Por conta desse contexto, surgiu a necessidade de novas formas de comercialização, que elevam a proximidade entre agricultores e consumidores, e priorizam um produto saudável, fresco e a preços acessíveis.

As Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA) consistem em organizações sociais que

propõem uma nova cultura de relacionamento na produção agrícola e na distribuição de alimentos, em forma de cestas em depósitos, baseadas na comunhão e fortalecimento de vínculos entre os que produzem e os que consomem (GROH E MCFADDEN, 1997).

A construção de uma CSA aproxima-se muito dos conceitos de circuitos curtos de comercialização. Agindo como uma economia associativa, promove uma maior aproximação entre o agricultor e um grupo de coprodutores (termologia usada para referir-se aos consumidores), de forma que ambos compartilham responsabilidades sociais e ambientais (BYODINAMIC ASSOCIATION, 2014). Os produtos além de ficarem a preços mais justos proporcionam uma maior clareza acerca de sua origem para quem vai consumi-lo. Estas cestas são montadas na propriedade do agricultor logo após a colheita e enviadas a um depósito, que seria um ponto de retirada delas, de forma que ele pode estar localizado em pontos estratégicos de fácil acesso para os coprodutores, que pode variar desde uma escola, uma casa até uma associação, em alguns casos a entrega é domiciliar (DAROLT, 2012). Valorizando o trabalho humano no campo camponês e estimando o respeito às limitações do agricultor, compreendendo dificuldades e limitações impostas pela sazonalidade, intempéries e imprevistos que ocorrem durante as atividades agrícolas, o coprodutor aceita as cestas mesmo com pequenas variações qualitativas ou quantitativas (NETO, 2015).

O presente trabalho tem por objetivo analisar os benefícios econômicos e sociais gerados para os agricultores familiares e consumidores envolvidos nesta metodologia de comercialização.

## MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado no Depósito Timbó, localizado na Rua Coronel Antonio Cardoso, sem número, bairro Jardim Paraíso, Botucatu-SP, que funciona como um dos pontos de distribuição das cestas de produtos orgânicos da CSA Demétria.

O perfil do coprodutor foi traçado por meio de entrevistas realizadas em Dezembro de 2015 e Maio de 2016, que abordaram as características de consumo, e os fatores que interferem nelas.

Os dados econômicos foram obtidos durante o período de Julho de 2014 e Julho 2015, através de listas de controle de membros mensais, onde consta a quantidade de cotas por membro e seus respectivos valores.



**Figura 1.** Localização dos depósitos do CSA Demétria no estado de São Paulo. (FERREIRA NETO et al. 2015). **Fonte:** Disponível em <<http://www.mapasparacolorir.com.br/mapa-estado-sao-paulo.php>>. Acesso em 07/05/2016.

## Caracterização da CSA Demétria

### Formação da proposta

No ano de 2011, Hermann Pohlmann em parceria com a Associação Brasileira de Agricultura Biodinâmica (ABD), tomou a iniciativa de instaurar em uma propriedade familiar do bairro Demétria, localizado no município de Botucatu no estado de São Paulo, um modelo concreto de CSA.

Composto hoje por mais de 300 famílias, a CSA Demétria proporciona a seus participantes hortaliças, algumas variedades de frutas e alimentos processados como pães artesanais e queijos, provindos de famílias parceiras do projeto com a mesma linha de produção orgânica e biodinâmica (MOLINA, 2016).

A CSA Demétria contempla dez depósitos, distribuídos em diversos pontos de Botucatu, Bauru, Ourinhos e São Paulo (Figura 1). Em Botucatu, os depósitos estão localizados na própria unidade de produção dos agricultores que fomentam a CSA, um localizado no centro da cidade e um no bairro de concentração universitária, que é o foco deste estudo.

### Sítio Mainumbi

Situado no bairro Demétria, o sítio Mainumbi já opera há quase 15 anos, com produção orgânica e biodinâmica em uma área arrendada de oito hectares no Condomínio Agrícola Atiaia e dois hectares em uma área pertencente à ABD (Figura 2). Composto por cinco núcleos familiares, o que soma em torno de 14 pessoas da mesma família, e eventualmente um a dois funcionários assalariados. A certificação é realizada através do Sistema Participativo de Garantia (SPG).

A dinâmica de comercialização do sítio ainda contempla outras atividades além da CSA. As segundas-feiras a colheita atende as CSAs de Bauru, Botucatu e Ourinhos, nas terças a venda é realizada na feira do bairro Demétria, as quartas são destinadas ao preparo da colheita do dia seguinte, nas quintas as vendas são realizadas em São Paulo e também são feitos manejos na área, nas sextas ocorre a CSA na própria horta, aos sábados acontece na feira orgânica no espaço cultural de Botucatu e por fim nos domingos são reservados para descanso e atividades eventuais.

Ao todo, são fornecidas mais de 400 cotas semanalmente, sendo cada uma composta por aproximadamente sete itens diferentes organizados em maços, pesos e unidades.

Por volta de 17 itens são cultivados no sítio Mainumbi, com um adicional de 13 itens adquiridos com outros produtores orgânicos, para assim garantir uma maior variedade de alimentos.



**Figura 2.** Sítio Mainumbi, também conhecido como “Horta do Marcelo”. **Fonte:** Ariel de Andrade Molina

### Depósito Timbó

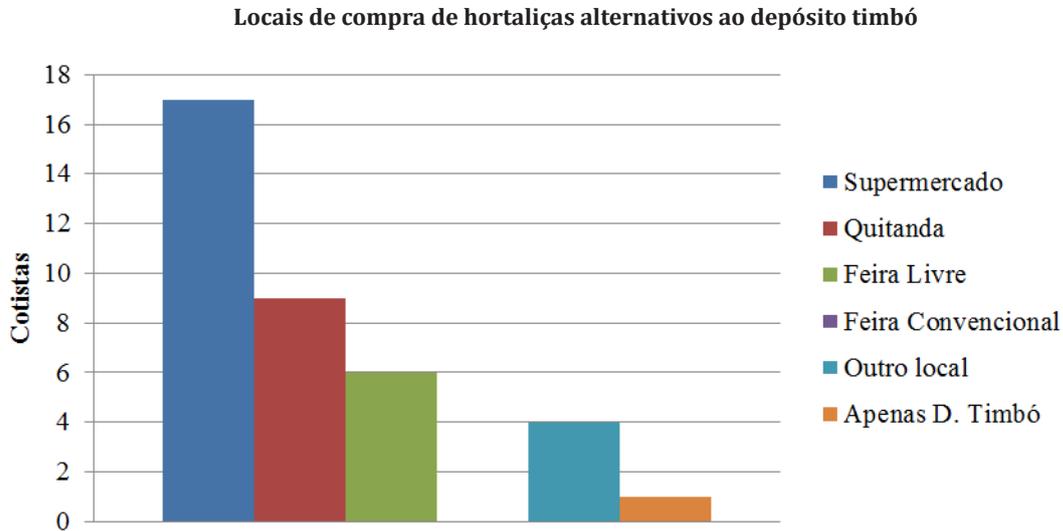
Em maio de 2013, o Grupo Timbó de Agroecologia realizou na Faculdade de Ciências Agrônomicas de Botucatu um espaço de formação sobre as Comunidades que Sustentam a Agricultura, apresentando o projeto da CSA Demétria. A partir deste encontro, alguns estudantes se propuseram a participar deste processo e articularam um depósito para receber e distribuir semanalmente os produtos oriundos da comunidade (Figura 3).

O coletivo batizado de Depósito Timbó abrange por volta de 40 participantes, principalmente discentes e docentes da UNESP de Botucatu, e atua como um dos braços do CSA Demétria, levando os



própria de alta participação da comunidade acadêmica de Botucatu, e conseqüentemente, alto nível de escolaridade de todos os participantes. Tais aspectos são comuns aos observados no estudo de Willer e Youssefi (2004), evidenciando nos entrevistados um retrato de consumidores de alimentos orgânicos.

Com relação aos hábitos de consumo de hortaliças, em todos os casos, a compra é realizada pelos próprios entrevistados. Também foi questionado, em qual localidade, além do Depósito Timbó, são adquiridas hortaliças para o consumo, independente da linha de produção orgânica.

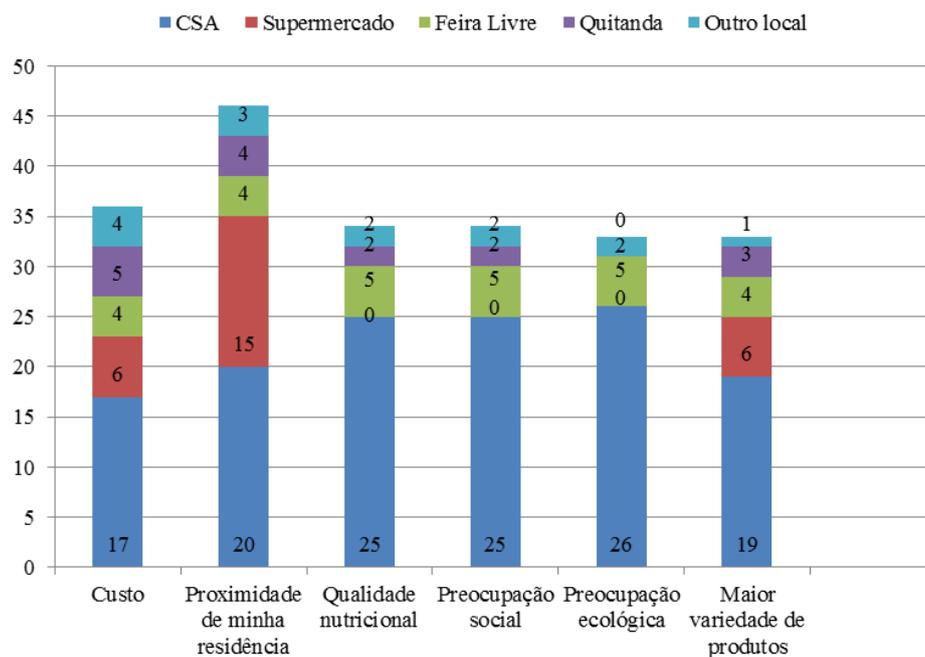


**Gráfico 1.** Relação de locais alternativos para compra de hortaliças pelos coprodutores do Depósito Timbó. **Fonte:** autoria própria

No Gráfico 1, é possível observar que fora o Depósito Timbó, os supermercados ainda são a opção mais acessível aos entrevistados, seguidos das quitandas, feiras livres e outros locais, descritos como feiras orgânicas e hortas comunitárias. Nenhum dos entrevistados realiza compras em feiras convencionais, e apenas um entrevistado consome hortaliças exclusivamente pelo Depósito.

Ainda em relação aos hábitos de consumo, foram questionados aos respondentes, através de seis assertivas, quais seriam os motivos que os levam a comprar hortaliças nas localidades assinaladas.

**Motivações que induzem a compra de hortaliças em diferentes meios de comercialização**



**Gráfico 2.** Levantamento das motivações que levam os coprodutores a comprarem hortaliças no Depósito Timbó e em outros meios de comercialização. **Fonte:** autoria própria

Observa-se no Gráfico 2, dentro das assertivas, a CSA sempre manteve altos números em relação a todas as motivações, demonstrando que ela abrange uma satisfação pessoal dos coprodutores, principalmente por participarem de uma atividade que faz com que se associem valores emocionais com a qualidade do alimento, e se sintam bem ao consumi-lo por estar contribuindo para um mundo melhor (CRAMWINCKEL, 2009). Além disso, também se agrega a esses valores, uma boa qualidade de vida, provinda de alimentos sem veneno, e uma boa variedade de produtos por um preço acessível.

O supermercado é procurado pelos entrevistados pelos preços mais baixos dos alimentos, que em sua maioria não são oriundos de produções orgânicas, pela proximidade e a maior variedade.

As feiras livres, quitandas e outros locais, definidos como hortas comunitárias, acabaram por ter uma procura muito semelhante, mas ainda sim contemplaram poucas pessoas. Funcionando como complementos a CSA e ao supermercado, não só pela variedade e proximidade, mas também por existir uma maior proximidade da origem do alimento e de quem o produz, de forma socioeconômica e cultural, diferente das grandes redes, as feiras acabam por promover uma popularização da pauta orgânica (SINGER, 2008).

Referente à satisfação dos entrevistados com relação aos preços das cotas e quantidades de alimentos oferecidos, todos acreditam que os valores requeridos são justos dentro de suas realidades, entretanto pouco mais da metade dos entrevistados acredita que a quantidade e variedade de alimentos ainda não são suficientes para suprir sua demanda, tendo que procurar os locais alternativos para atender essa falta. Grande parte dos entrevistados sugeriram aproximadamente 10 itens por cota, com uma maior quantidade de frutas.

Com base nas análises realizadas dos dados econômicos acumulados, notaram-se pequenas variações de quantidade de membros e cotas no Depósito Timbó. Estas foram mais acentuadas no período de férias dos universitários, graduandos ou pós-graduandos. A **Tabela 1** demonstra as variações ocorridas nas médias de inscrições no intervalo de um ano.

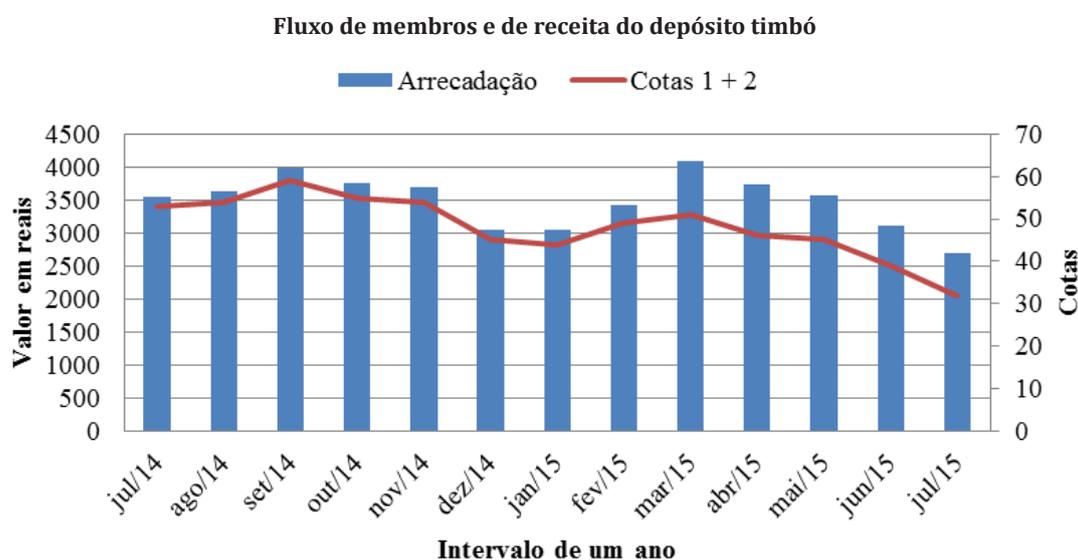
Tabela 1. Variação de inscrições, no período de um ano, nos depósitos da CSA Demétria.

Mês	Giramundo	Itaim	G. Julieta	Cynthia	Timbó	Ourinhos	Bauru	Demétria	Pinheiros	Vp
jul/14	0	0	12	15	<b>43</b>	55	144	33	0	0
ago/14	6	0	12	15	<b>46</b>	53	155	36	0	0
set/14	14	0	11	15	<b>47</b>	58	163	35	0	0
out/14	10	11	11	17	<b>48</b>	58	173	35	7	1
nov/14	10	11	9	19	<b>47</b>	60	172	39	10	1
dez/14	10	10	11	19	<b>42</b>	60	155	40	9	1
jan/15	9	8	10	12	<b>36</b>	62	145	38	8	2
fev/15	10	8	10	14	<b>43</b>	57	146	33	8	2
mar/15	5	8	10	14	<b>42</b>	50	147	36	8	2
abr/15	5	8	9	13	<b>38</b>	50	143	35	8	2
mai/15	7	7	8	11	<b>38</b>	50	137	32	8	2
jun/15	5	7	7	8	<b>33</b>	49	141	31	6	2
jul/15	5	7	7	8	<b>28</b>	47	137	32	6	2

A **Tabela 2** apresenta quantas cotas foram adquiridas pelos depósitos no período estudado. As cotas podem variar de membro para membro, podendo ser obtidas nas quantidades que forem suficientes para as famílias beneficiadas. No Gráfico 3 é possível observar a correlação entre número de participantes e a receita.

**Tabela 2.** Variação de cotas, no período de um ano, nos depósitos da CSA Demétria.

Mês	Giramundo	Itaim	G. Julieta	Cynthia	Timbó	Ourinhos	Bauru	Demétria	Pinheiros	Vp
jul/14	0	0	19	22	53	74	214	47	0	0
ago/14	6	0	20	22	54	72	225	48	0	0
set/14	13	0	19	23	59	75	230	47	0	0
out/14	13	14	19	25	57	79	226	45	8	8
nov/14	10	14	15	27	55	79	222	50	13	19
dez/14	9	13	17	27	45	80	214	51	10	19
jan/15	9	10	16	24	44	82	203	47	11	21
fev/15	10	10	16	23	51	78	204	43	11	21
mar/15	5	10	16	22	51	69	208	48	11	22
abr/15	5	9	13	19	46	64	203	45	11	22
mai/15	7	9	13	15	47	71	194	42	11	23
jun/15	5	9	11	10	39	66	199	40	7	23
jul/15	5	9	11	13	32	63	194	41	7	23

**Gráfico 3.** Fluxo econômico e quantitativo do Depósito Timbó. **Fonte:** Autoria própria

Durante o período analisado o total contribuído diretamente para os agricultores envolvidos pela CSA Demétria foi de R\$ 370.652,31. O Depósito Timbó teve participação de quase 11% na receita da CSA Demétria, o que corresponde à R\$ 39.732,92. Tal montante garante, aproximadamente, R\$ 3.311,07 mensais, valor que corresponde a 4,5 salários mínimos no valor de R\$ 724,00 em 2014, e 4,2 salários mínimos no valor de R\$ 788,00 em Janeiro de 2015, devido ao reajuste salarial. Segundo Lamine (2008), duas pessoas trabalhando em uma propriedade familiar em tempo integral, com uma área média de cultivo de 2,5 hectares podem atender até 80 pessoas com uma diversidade de até 40 hortaliças e frutas. Graças a estrutura bem organizada e o bom número de funcionários do Sítio Mainumbi, a produção pode ir além, explorando mais meios de comercialização, porém só a quantidade de membros da CSA Demétria já é suficiente para suprir os gastos com a produção e uma boa remuneração para os funcionários.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os coprodutores do Depósito Timbó, em sua maioria estudantes da universidade, consomem os alimentos provindos da CSA, principalmente, por razões sociais, ambientais relacionadas à saúde. Todos estão satisfeitos com os preços das cotas e com a qualidade dos produtos, e o único motivo que os leva a buscar outras formas de aquisição de alimentos seria a ausência de mais variedades na cota, com destaque para frutas. Os dias de campo articulados pelos administradores da CSA permitiram o aprendizado sobre a realidade do campo, auxiliando a compreensão acerca das dificuldades de

produzir um alimento saudável e fortalecendo o vínculo entre produtor e coprodutor.

Quanto aos benefícios econômicos, o Depósito Timbó tem papel significativo na geração de renda do agricultor, representando 11% do seu ganho total na CSA Demétria, o que equivale a pouco mais de quatro salários mínimos mensais. As saídas de membros do Depósito, não foram expressivas ao ponto de interferir na receita do agricultor.

## REFERÊNCIAS

- FERRAZ, José Maria Gusman. A insustentabilidade da Revolução Verde. Disponível em: <<https://kapixawa.files.wordpress.com/2011/05/2c2b0-texto-do-ge.pdf>>. Acesso em: 15 de Janeiro de 2016
- HEBERLÊ, Antônio Luiz Oliveira. A agricultura familiar brasileira no contexto mundial. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/1871776/artigo-a-agricultura-familiar-brasileira-no-contexto-mundial>>. Acesso em: 21 de Dezembro de 2015.
- LAMINE, Claire. *Lesamaps, um nouveau pacte entre producteurs et consommateurs*. Paris: Ediction Yves Michel, 2008. 120 p.
- SINGER, Paul Israel. *Economia Solidária como estratégia e política de desenvolvimento*. In: ANDRADE, M. R. (Org.). *Comercialização e Agroindustrialização Familiar: desafios e conquistas*: MDA/SAF/PRONAF/Itesp, 2008. p. 115-120.
- OCTAVIANO, Carolina. *Muito além da tecnologia: os impactos da Revolução Verde*. ComCiência, Campinas, n. 120, 2010. Disponível em: <[http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542010000600006&lng=pt&nrm=iso](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542010000600006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 de Setembro de 2015.
- CRAMWINCKEL, B. *Consumer perception of the sensory quality of products*. In: Towards improved quality in organic food production, 5. 2009. Driebergen: IFOAM, 2009. P.59-65.
- COMPARATO, Fábio Konder. *Capitalismo: civilização e poder*. Estud. av., São Paulo, v.25, n.72, p.251-276, Agosto de 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142011000200020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142011000200020&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 09 de Setembro de 2015.
- ELIAS, Denise. *Agroecologia e novas regionalizações no Brasil*. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 13, n. 2, p. 153-167, 2012.
- GUERREIRO, H.; GUERREIRO, T. *Rede Nacional Recíproco*. In: Colóquio ibérico de estudos rurais, 7, 2008, Coimbra, Portugal. p. 1-4
- Instituto brasileiro de geografia e estatística (IBGE). *Censo agropecuário 2006*. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/agri\\_familiar\\_2006/familia\\_censoagro2006.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/agri_familiar_2006/familia_censoagro2006.pdf)>. Acesso em 10 de Setembro de 2015.
- GROH, Trauger; MCFADDEN, Steven. *Farms of Tomorrow Revisited: Community supported farms, farms supported community*. Biodynamicfarmingandgardeningassociation, 1997.
- FERREIRA NETO, Djalma Nery; AMORIM, Joana Ortega de Lima; MOLINA, Ariel de Andrade; TORUNSKY, Flávia. *Financiamento da produção agroecológica a partir do modelo de CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura): um panorama no Estado de São Paulo*. Cadernos de Agroecologia, IX CBA, Belém, 2015.
- DAROLT, Moacir Roberto. *Conexão Ecológica: novas relações entre agricultores e consumidores*. Londrina: IAPAR, 2012. 162 p.
- FERREIRA NETO, Djalma Nery; GARCIA, Eduardo Michalichen. *As "Comunidades que Sustentam a Agricultura" como estratégia de reprodução sócio-econômica do campesinato no Estado de São Paulo*. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B-VXldMBR4yiRWFIZW44WGZaSG8/view>>. Acesso em 05 de Agosto de 2015
- WILLER, Helga; YUSSEFI, Minou. *The World of Organic Agriculture - Statistics and Emerging Trends*. 2004. 167 p.